



- **Homenagem ao Pe. Josef Hauser**

- **Teologia e Modernidade: a busca de novos paradigmas**
- **Filme “A Paixão de Cristo”**
- **Paixão segundo Mateus, de J. S. Bach**

Editorial

A morte de **Josef Hauser**, padre jesuíta, pesquisador e professor da Unisinos, fez com que professores e pesquisadores, nossos colegas, pedissem que dedicássemos o boletim desta semana à sua memória. Atendendo à solicitação, mudamos a pauta e com a colaboração de amigos e colegas do Padre Hauser elaboramos este boletim. O professor Dr. Dr. Pe. Josef Hauser, fundador e pesquisador do Instituto de Pesquisa de Planárias – IPP - da Unisinos, faleceu, no dia 10 de março, aos 84 anos. Ele fora entrevistado pelo **IHU On-Line**, n.º 84, 17-11-03. Colegas professores, funcionários e pesquisadores da Unisinos e de várias partes do mundo, reverenciam, neste número, a sua vida.

Neste tempo de quaresma, trazemos para a discussão três temas. Preparando o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**, entrevistamos o teólogo galego Andrés Torres Queiruga, um dos conferencistas do evento que se realizará de 24 a 27 de maio de 2004. O segundo é a discussão sobre o filme **A Paixão de Cristo**, de Mel Gibson. Iniciamos essa discussão na semana passada com a tradução e publicação do artigo do intelectual esloveno Slavoj Zizek, intitulado **O credo da paixão descafeinada**(¹). Nesta edição, uma entrevista de Mel

¹ Este artigo foi publicado também pela **Folha de S.Paulo**, 14-3-04, enquanto ele foi publicado no **IHU On-Line** no dia 8-03-04.

Gibson, de Jack Miles, teólogo, ex-jesuíta e renomado escritor, e de René Girard, antropólogo, conhecido autor do livro **O bode expiatório**, entre outros livros. O terceiro tema é o evento intitulado *Programação de Páscoa que debaterá, analisará e refletirá sobre a Paixão de N. S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus*, de J. S. Bach. O debate no **IHU Idéias**, duas audições comentadas e o concerto da orquestra e coro da Unisinos compõem esta programação. Nesta edição, reproduzimos um artigo da prof^a. Dr^a. Yara Borges Caznok, em preparação para esta significativa programação. O 40º aniversário do famoso **Comício da Central do Brasil**, antevéspera do Golpe de 1º de abril de 1964, é lembrado na editoria *Memória*, juntamente com a vida e a obra do historiador **Décio Freitas**, falecido na semana passada. Uma ótima leitura e uma excelente semana para todos!

Tema de Capa I

HOMENAGEM AO PROFESSOR E PESQUISADOR PROF. DR. DR. PE. JOSEF HAUSER S.J.

Todos os que conviveram e conheceram o padre jesuíta e professor Josef Hauser, têm muito a lamentar seu falecimento, ocorrido na última quarta-feira, dia 10 de março, no Hospital Regina, em Novo Hamburgo. A missa de corpo presente foi realizada no Santuário Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo. Nascido em 31 de janeiro de 1920, na Hungria, Pe. Hauser foi ordenado padre em 21 de junho de 1955 (faria 50 anos de sacerdócio no próximo ano). O pesquisador era doutor em Filosofia e em História Natural pela Universidade de Innsbruck, na Áustria. Ele fundou o Instituto de Pesquisas de Planárias² (IPP) da Unisinos, premiado, em fevereiro deste ano, no 25º Congresso Brasileiro de Zoologia, na Universidade Nacional de Brasília com a apresentação do projeto "Composição da fauna de planárias terrestres" (Platyhelminthes) no Parque Nacional dos Aparados da Serra". A pesquisa levou três anos para ser concluída e utilizou os animais como indicadores de áreas preservadas.

Hauser lecionou em Viena, Frankfurt, República Dominicana e em Innsbruck. Além de professor e padre, Josef Hauser foi oficial da II Guerra Mundial e piloto de avião enquanto era capelão da Força Aérea Brasileira – FAB. Além dessas diversas atividades, dedicou muitos anos de sua vida à pesquisa das planárias. O trabalho era um valor imprescindível para ele e para quem convivesse com ele.

Em novembro do ano passado, **IHU On-Line** conversou com o padre Hauser que contou sua história de vida para a editoria **IHU Repórter**. Em uma de suas respostas, ele comentou: "Eu gostaria de entregar esse trabalho [a pesquisa que desenvolvia] para alguém continuar, porque eu, aos poucos, estou 'empacotando'". Ao citar um sonho que tinha, padre Hauser mencionou que gostaria de terminar de escrever o livro *As turbelárias (planárias) que vivem no Brasil*, e escrever ainda sobre cerca de dez temas.

Entre suas características marcantes, estava a criatividade e a grande vontade de trabalhar. No início do curso de História Natural (hoje Biologia), a sucata das indústrias de São Leopoldo lhe fornecia matéria-prima para construir os primeiros equipamentos de laboratório. Também

² Planárias são animais acelomados, de simetria bilateral, de corpo achatado, foliáceo ou em forma de fita, segmentado ou não, e tubo digestivo (quando presente) desprovido de ânus. Algumas espécies são de vida livre, mas na maioria são parasitos. (Fonte: Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa)

precisou reiniciar todo seu trabalho, quando um incêndio na Antiga Sede da Universidade destruiu todo seu instrumental, sua biblioteca especializada e milhares de microfimes que documentavam suas experiências.

MATRIMÔNIO ENTRE CIÊNCIA E FÉ

Terezinha Hensel Oliveira é laboratorista do Instituto de Pesquisa de Planárias da Unisinos e trabalhou com o Pe. Hauser durante 28 anos:

“Pe. Hauser era um homem muito rigoroso, mas, ao mesmo tempo, tinha o coração do tamanho do mundo. Ele tinha momentos de irritação, mas logo depois vinha se desculpar. Logo quando comecei a trabalhar, ele foi sincero pedindo que eu compreendesse se ele se alterasse muito, porque ele viveu na guerra, viu matarem crianças, e se tornou uma pessoa revoltada com isso. Eu aprendi a entendê-lo. Ele tinha uma fé muito profunda em uma santa que morreu no campo de concentração, em Auchswitz, a Santa Tereza Benedita da Cruz³). Ele dizia sempre que ela era uma rocha viva que resistiu corajosamente a todas as tempestades. Todos os equipamentos que ele conseguia para o laboratório de pesquisa, os microscópios e tudo mais, ele achava que conseguia por causa dela, que a Universidade comprava por intercessão dela, aquelas coisas, aquela fé que ele tinha. Pe. Hauser era um homem que dizia que Universidade sem pesquisa não é Universidade. Ele trabalhava muito. Eu chegava às 7 horas da manhã e ele já estava aqui trabalhando. Quando voltava dos congressos em outros países, ele dizia: ‘Eu vi um aparelho lá que é assim e acho que nós podíamos inventar um para nós aqui’. E inventamos, apesar das dificuldades, sem tecnologia, fazíamos tudo manualmente. Ele era um gênio, uma pessoa fantástica. Eu aprendi muito com ele. Ele gostava de pessoas trabalhadoras, que batalhassem bastante. E tinha um coração de ouro, ajudava muitas pessoas. Se um aluno que não tivesse um livro ou lhe faltasse algum outro material, Pe. Hauser dava um jeito. Ele celebrou meu casamento, era sempre muito bom com os meus filhos, se convidava para ir a minha casa... e eu lamento que muitas vezes deixei de recebê-lo, de fazer uma comidinha diferente, porque a gente sempre tem tanta coisa para fazer em casa... O engraçado é que três dias antes de ele morrer, eu passei numa agonia... Tive 40 graus de febre, sem explicação médica. De sábado para domingo, eu não dormi. Quando me ligaram para dizer que ele tinha morrido, eu peguei um lápis e um papel e comecei a escrever uma mensagem que eu li para ele no enterro. (Trechos) *Deus é a verdade. Morrer com o Cristo para ressuscitar com ele. Olhando a trajetória da vida do Pe. Hauser, sentimos nascer no mais íntimo de nosso coração o desejo de ser bom. Vemos o matrimônio maravilhoso entre a ciência e a fé. Um caminho feito de uma esteira de luzes e de sabedoria. Mas, ao encontro com seu amado Cristo Jesus, e com sua amada Santa Tereza Benedita da Cruz, aos seus 84 anos de idade, decide perder tudo o que o mundo lhe ofereceu: seus amigos, as igrejas, suas pesquisas, e o mundo todo. E parte para um congresso definitivo, para ganhar tudo, o maior prêmio: Deus, o único tesouro de sua vida. “Onde Deus nos conduz não o sabemos. Só sabemos que Ele nos conduz” (Santa Tereza Benedita da Cruz).*

FUNDADOR DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOLOGIA

³ Trata-se da filósofa judia Edith Stein. Ela foi aluna de E. Husserl. Ela tomou o nome acima quando fez a profissão religiosa na Ordem das Irmãs Carmelitas. Morreu no campo de concentração de Auschwitz. Para conhecer mais Edith Stein, cf. SCIADINI, Patrício e GARCIA, Jacinta Turolo, **Edith Stein. Holocausto para seu povo**. São Paulo: Loyola, 1987 e MIRIBEL, Elisabeth de, **Edith Stein. Como ouro purificado pelo fogo**. São Paulo: Santuário, 2003. (Nota do **IHU On-Line**).

O professor especialista Martin Sander, que leciona Biologia nas Ciências da Saúde da Unisinos, conheceu muito bem Pe. Hauser e teve uma ligação muito próxima com ele:

“Queridos ...’ era assim que Hauser chamava os seus alunos. Pontual e enérgico. Exigia dedicação, em especial dos bolsistas e monitores, estes deveriam saber mais que os outros. Todos, alunos e colegas professores sempre recebiam apoio. Emprestava livros, equipamentos e tudo que podia. Sempre achava uma solução para os problemas dos outros. Aos alunos, sugeria assuntos para pesquisa. Poucos dias antes de algum congresso, formava grupos e, no dia do evento, lá estava ele com seus “queridos”, apresentando trabalhos e, deste modo, iniciando a vida científica de muitos profissionais de hoje. Fundador da Sociedade Brasileira de Zoologia, SBPC e várias outras. Criativo e atento às tecnologias. Adaptava equipamentos e transformava sucatas em valiosos aparelhos para a pesquisa. Até os anéis para marcação dos pingüins foram desenvolvidos no Brasil com seu auxílio. Suas aulas, eram as mais freqüentadas, slides, projeções e microscópios adaptados com filmadoras. Preparava todas, com vários dias de antecedência, sempre acrescentava algo de novo. Afirmava que a pesquisa era a busca do desconhecido e que podia ser realizada pelo doutor ou outro qualquer, desta forma renovava suas lições e não ficava preso a livros. Com seu famoso e invejado rádio “multiondas” se conectava com sua terra natal e a rádio da Universidade onde escutava música erudita. Apreciava boa comida e os momentos de confraternização com seus colegas e alunos. Mesmo afastado de seu laboratório e da Universidade, na casa de saúde, montou uma sala para dar continuidade ao seu trabalho. Armado com seu “lap top”, câmara fotográfica digital, dezenas de livros e separatas ainda estava escrevendo sobre o desenvolvimento e morfologia de suas pequenas planárias. Amava flores. Na sua janela, em seu gabinete, sempre tinha um vaso com violetas. Com elas nas mãos trouxe também o seu carinho à minha família”.

INCRÍVEL CAPACIDADE DE INOVAR

A professora Ana Maria Leal Zanchet ⁴ coordena hoje o Instituto de Pesquisa de Planárias, que foi fundado pelo Pe. Hauser. Mestre em Biociências, doutora e pós-doutora em Ciências Naturais, Ana fala sobre a importância do trabalho desenvolvido e da vontade de continuar no caminho iniciado por ele:

“Conheci o Pe. Hauser primeiramente como um cientista que se dedicava especialmente ao desenvolvimento de pesquisas sobre o fenômeno de regeneração em invertebrados (principalmente minhocas e planárias) e que possuía grande habilidade para o desenvolvimento de inovações tecnológicas, através da criação e/ou adaptação de equipamentos. Quando estive a primeira vez na Unisinos, em 1985, enquanto estava cursando a graduação em Biologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, impressionou-me principalmente esta sua capacidade de desenvolver novos aparelhos, utilizando, muitas vezes, material de sucata. Também era um inovador para o desenvolvimento de técnicas laboratoriais. Ainda enquanto residia em Innsbruck, Áustria, desenvolveu uma técnica de processamento histológico de tecidos que dispensava a utilização de um produto com alto grau de toxicidade (xileno). O Pe. Hauser também possuía imensa capacidade de persuasão para conseguir doativos, especialmente de equipamentos, para o desenvolvimento de suas atividades de pesquisa. Vários equipamentos do seu laboratório haviam sido doados pelo Instituto Max Planck, por universidades européias ou mesmo por empresas. Atuou intensamente na capacitação de recursos humanos, mantendo as portas do seu laboratório sempre abertas para o ensino e a

⁴ Para conhecer mais a profa. Ana Maria Zanchet, cf. *IHU On-Line* n.º 74, de 8 de setembro de 2003, página 37-38.

formação técnico-científica. Generoso, era muito sensível aos problemas das pessoas que o cercavam, buscando sempre auxiliá-las quando percebia suas dificuldades. Muito rigoroso com a qualidade do material que era produzido no seu laboratório, não admitia falhas na preparação do mesmo, fosse para utilização na pesquisa ou no ensino. Atuou em diversas instituições, no Brasil e na Europa, como professor visitante, ministrando cursos e disciplinas nas áreas de Histologia e Zoologia. Também possibilitou a vinda de pesquisadores de diversos países à Unisinos, mantendo atividades de intercâmbio duradouras e produtivas. Será sempre lembrado, por nós, que o conhecemos pessoalmente, como uma pessoa determinada e criativa. No seu campo de atuação, nacional e internacionalmente, terá sempre uma posição de destaque pelos relevantes estudos que desenvolveu sobre morfologia, taxonomia, regeneração e outros aspectos da biologia de invertebrados, com ênfase em planárias. A nós, que integramos sua equipe, cabe-nos dar continuidade às suas pesquisas, ampliando e consolidando a participação da Unisinos no cenário científico nacional e internacional”.

Reproduzimos algumas das mensagens recebidas e traduzidas ao português, pela professora Ana Maria Zanchet, coordenadora do Instituto de Pesquisa de Planárias, de colegas de diversas partes do mundo, por ocasião da morte do Prof. Dr. Dr. Pe. Josef Hauser.

Querida Ana Maria,

é com grande tristeza que recebo a notícia do falecimento do Prof. Hauser. Eu tenho lembranças afetuosas do nosso encontro no III ISBT (*III Simpósio Internacional sobre Biologia de Turbelários*), realizado na Bélgica, em 1980. Quando nós nos falamos pela primeira vez, notei que a comunicação em inglês seria difícil. Ele perguntou se eu falava alemão e eu respondi: “Sim, eu falo *pequeno* alemão” e ele replicou, energicamente, “pouco, pouco”, gracejando do meu alemão *de colégio*. Ele era muito generoso; no jantar de confraternização, em nome dos pesquisadores do hemisfério Sul, presentes no ISBT, ele agradeceu aos organizadores do evento. Eu fiquei comovido com o seu gesto, o que fortaleceu meu relacionamento, cada vez maior, com colegas do Brasil (o III ISBT foi memorável pelo fato de eu ter encontrado a Prof^{ra}. Eveline Marcus – *da Universidade de São Paulo, já falecida* – com quem eu me correspondia ...). Em um outro campo de atuação, como histologista, eu já conhecia o Prof. Hauser antes mesmo de trabalhar com planárias, especialmente pelo seu trabalho sobre processamento de tecidos em parafina (*Ausshaltung des Xylols in der histologischen Technique. Mikroskopie 1952; 7:208-210*), propondo o uso do álcool isopropílico em substituição ao xileno. Esse trabalho foi pioneiro, incentivando o surgimento de outras publicações que, por razões de saúde e segurança no trabalho, sugeriam o uso de outros reagentes em substituição ao xileno. Posteriormente, a contribuição desse trabalho possibilitou o surgimento de uma nova técnica desenvolvida por Boon & Kok (1989), que permitia o processamento rápido de tecidos incluídos em parafina através do uso do forno de microondas. Prof. Hauser, juntamente com seus estudantes, desenvolveu contribuições significativas ao conhecimento da histologia, da anatomia funcional e do processo de regeneração em planárias dulcícolas e terrestres. Eu me considero orgulhoso, por ter sido beneficiado com essas contribuições ao conhecimento da biologia de turbelários, e especialmente por tê-lo conhecido pessoalmente e me divertido em sua companhia, embora por um breve período. Estou profundamente triste com o seu falecimento.

Ana Maria, minhas condolências a você e seus colegas do IPP pelo falecimento do mestre, ainda que eu acredite que, juntos, nós celebramos uma vida maravilhosa e dedicada.

Saudações cordiais,

Leigh

*Dr. Leigh Winsor
Property Division
James Cook University of North Queensland
Townsville
Austrália*

Querida Ana Maria,

Esta é uma notícia muito triste. Nós perdemos um colega que realizou uma contribuição característica e original na área de biologia de planárias e que sempre lutou muito fortemente – e com sucesso – para promover pesquisas nessa área. Eu estou muito contente de tê-lo encontrado em várias ocasiões, inclusive no seu laboratório (IPP), durante minha estadia aí, precisamente há 10 anos.

Saudações a todos do IPP,

Ronald

Dr. Ronald Sluys

Instituut voor Systematiek em Populatie Biologie

Zoologisch Museum – Universitat van Amsterdam

Amsterdam

Holanda

Querida Ana Maria,

Estou muito triste em saber que o Prof. Hauser faleceu. Aceite, por favor, minhas profundas condolências, bem como dos meus colegas de Barcelona, por esta perda inestimável. Ele será sempre lembrado como um dos cientistas que manteve a pesquisa, no campo da biologia de planárias, viva na América do Sul.

Saudações,

Jaume

Dr. Jaume Baguñà

Departament de Genètica

Facultat de Biologia

Universitat de Barcelona

Espanha

Prezada Dra. Leal-Zanchet (e membros do IPP):

É com profundo pesar que minha família e eu recebemos a notícia que Prof. Dr. Josef Hauser S.J. sucumbiu à sua doença apesar de todos os esforços. Vida e morte estão fora do nosso controle e nós precisamos aceitar – com coragem – os fatos como eles são. Acredito que o Dr. Hauser S.J. ainda está com vocês e que ele continuará orgulhoso do belo trabalho que vocês fazem.

Cordialmente,

Masaharu Kawakatsu

Dr. Masaharu KAWAKATSU

Kita-ku,

Sapporo (Hokkaido')

Japão

Cara Ana,

Pe. Hauser trabalhou muito, ele está agora descansando. Fico contente de ter podido vê-lo ainda vivo (*em março de 2003*) e tão empenhado no trabalho com as suas queridas planárias. Que Deus o receba, porque ele merece!

Um abraço,

Eudóxia

Profa. Dra. Eudóxia Froehlich

Departamento de Zoologia

Instituto de Biociências - USP

Ana Maria,

É muito triste recebermos a notícia do falecimento do Professor Hauser. Felizmente, ele deixou muitos bons alunos, como você, que tem sabido continuar seu trabalho com especial dedicação. Um forte abraço neste momento,

Rodrigo Ponce de León y Odile Volonterio.

Laboratorio de Zoología de Invertebrados

Facultad de Ciencias

Montevideú

Uruguai

PILOTO DE UM AVIÃO APOSENTADO...

Gleza Terezinha Marques Ribeiro foi a primeira aluna mulher de Pe. Hauser na Unisinos, da primeira turma do curso de História Natural, constituída por ela e mais um rapaz. Atualmente, é professora aposentada.

“Pe. Hauser estimulava muito seus alunos. Como nós éramos da primeira turma, não tínhamos muitos recursos. Era tudo enjambrado. Ele fazia tudo o que a gente precisava. Com tubos de vidro, ele fazia o material necessário, as agulhas fisiológicas ele fazia com agulha comum. Ele foi uma pessoa muito competente, muito boa. Tínhamos histologia praticamente da manhã até a noite, de tanto que Pe. Hauser gostava. Ele sempre ajudava os alunos que tinham dificuldades, inclusive financeiras. E sempre foi um professor muito próximo de nós. A paixão pela pesquisa das planárias era marcante. Ele se dedicava muito a essa pesquisa, por muitos anos. Para ele era tudo muito simples e ele exigia muito de nós que não víamos as coisas tão simples assim. Eu lembro que nós saíamos com a romiseta do Pe. Hauser para fazer coleta de material. Numa ocasião nós fomos a Torres coletar material de romiseta na praia. De vez em quando nós ficávamos no caminho, claro. Pe. Hauser parava a romiseta com o pé. Lembro que uma vez, como ele era capelão da FAB, pegou o primeiro avião da história da FAB, e fomos até a minha casa, em Bagé, ele pilotando. Quando estávamos no ar, ele nos disse que aquele avião já estava aposentado. Mas deu tudo certo e chegamos vivos. Eu devo muito ao Pe. Hauser. Pela bagagem que ele me forneceu, tanto de conhecimento quanto de capacidade de improvisação, nunca tive dificuldades no meu trabalho. Meu primeiro emprego, em Botucatu, foi por indicação dele. Sinto muito que ele tenha partido”.

“ABRAÇO DO PAI EMPRESTADO”

Vanessa Andrea Rodrigues, formada em Secretariado, secretária das Ciências da Saúde da Unisinos, foi bolsista de Pe. Hauser e conta como, a partir desse contato até os últimos minutos da vida dele, mantiveram uma relação de afeto mútuo:

“Minha relação com o Pe. Hauser foi profissional até um determinado tempo. Trabalhei com ele desde 1991. Depois que fui bolsista do Instituto de Pesquisa de Planárias e passei a ser

secretária do antigo centro de Ciências da Saúde, nossa amizade e nosso respeito foram crescendo. Ele era muito bravo e eu também. A gente se confrontava muito, mas, aos poucos, nos entendemos. Quando ele me xingava, eu dizia: 'Mas o que eu fiz, ora bolas?', ele me olhava e dizia 'mas Vane, não fique brava'. Numa cena dessas, lembro da nossa primeira demonstração de carinho. Eu enchi meus olhos d'água com a briga dele e disse que não entendia aquilo. Ele levantou da cadeira e me deu um abraço muito forte. Eu posso falar muito mais do padre Hauser afetuoso do que do padre Hauser cientista. Lembro do padre Hauser carinhoso, cavalheiro, que não deixou passar um aniversário meu, sempre me mandando flores ou um presente. Lembro do padre Hauser que queria que eu me casasse, que não se conformava com o fato de eu apenas morar com meu namorado. Para ele, só quando Deus abençoasse a união, eu estaria bem. Ele foi padrinho do meu casamento. Lembrarei com carinho do padre Hauser que dizia, desde o dia que me conheceu, rezar todos os dias para que eu fosse mãe. Sinto-me feliz por ele ter me visto grávida, apesar de não poder batizar meu filho que está por nascer. Ele foi um dos primeiros a saber que eu estava grávida. É desse padre Hauser que eu tenho lembranças muito boas. Eu estive com ele no hospital, alguns minutos antes dele morrer. Fui me despedir dele. Fiz um carinho nele, como sempre fazia, e disse que ele podia ir. Que ele era um gênio, uma pessoa que tinha marcado a minha vida, e que era como um pai para mim. Falei para ele dos meus sentimentos, do quanto meu nenê já gostava dele, mesmo sem conhecê-lo. Eu tenho muitos cartõezinhos dele em que ele escreveu 'um abraço do pai emprestado'. Desse padre Hauser eu nunca vou esquecer. Me doeu muito ele ir embora, mas estava na hora. Ele sofria muito porque não era mais o jovem que pensava ser".

“UM HOMEM VOLTADO À FÉ E À CIÊNCIA”

Cornelia Hulda Volkart é psicóloga e MS em psicologia pela PUCRS. Até dezembro de 2003, a professora cumpriu a função de Diretora do Centro de Ciências da Saúde. Atualmente é integrante da diretoria de pró-educação da Unisinos.

“Quem conheceu e conviveu com o “nosso” Pe. Hauser, certamente cresceu e quem não teve esta oportunidade, de alguma forma, certamente perdeu.

Quando passamos a dedicar uma significativa parcela de nossa vida à efetiva convivência na Unisinos, e nos permitimos valorizar, escutar e descobrir as pessoas que nos cercam, certamente conseguimos sempre encontrar aquelas que realmente fazem a diferença, sejam alunos, funcionários, professores ou superiores e com certeza o Pe. Hauser sempre foi uma destas pessoas que fez a diferença, marcou seu lugar enquanto esteve entre nós e se tornou, a seu modo, inesquecível.

Ao lembrar dele no nosso convívio, certamente, para muitos, vem à mente a palavra “incomodar” que eu imediatamente transporia para a palavra “desacomodar” e fico com a sensação de que isto, “desacomodar” permanentemente àqueles que com ele conviviam fazia parte de sua missão entre nós. Sua capacidade questionadora e de crítica permanente sempre nos impulsionava para um passo a frente, mesmo que para isso fosse necessário, por vezes, recuar, repensar, refletir e, conseqüentemente, evoluir.

Tudo o que era pré-estabelecido, em princípio, ele era contra até que se sentisse suficientemente esclarecido e convencido a respeito e, neste caso, de imediato passava a construir em parceria.

Era um homem voltado à fé e à ciência e soube exemplarmente se dedicar a elas com muito discernimento. Trazia em si o rigor indispensável ao cientista e assim conduzia seu trabalho no laboratório, na sua produção e na formação qualificada de seus funcionários e alunos. Exigia de todos a excelência e a superação constante das dificuldades, mostrando-se um intolerante absoluto com a mediocridade.

Permanentemente atento aos avanços da tecnologia, exigia e lutava com garra para poder ter sempre na Universidade os melhores equipamentos para a pesquisa que possibilitassem ao investigador qualificado os recursos que lhe permitissem sempre estar à frente no seu trabalho. Aos que tiveram atribuições de gestor em seu tempo, certamente sabem o que significava o preparo da argumentação, quando, naquele momento, se tornava impossível a aquisição do equipamento que desejava para o seu trabalho ou o auxílio para um Congresso, ou uma bolsa-auxílio para um de seus alunos... Há certamente momentos árdios de negociação e porque não dizer de verdadeiros embates... mas, maravilhosos embates, pois ali estava um cientista que lutava pela ciência e que, naquela luta, nos fazia sempre lembrar que eram as decisões em busca da excelência as que permanentemente deveriam ser tomadas.

Saber encontrar talentos em sua área e dedicar-se ferrenhamente ao desenvolvimento deles também fazia parte de sua caminhada. Podia ser um funcionário, colega ou aluno, uma vez descoberto, ele o impulsionava e lhe “abria todas as portas” que estivessem ao seu alcance de modo a torná-lo livre e excelente no que pretendia. Era um multiplicador de seus conhecimentos e pesquisa e assim, certamente deixou discípulos.

Ah, mas impossível não mencionar seu jeito amigo, conselheiro e mesmo “malandro”, quando conseguia tornar sua equipe cúmplice nas “artes” que pretendia aprontar. E dentre estas, não dá pra esquecer seu gosto requintado para degustar um bom vinho e queijo de qualidade, ocasião em que os amigos tinham que estar presentes. Não abria mão de ser bem cuidado e cuidava também para não esquecer dos aniversários, principalmente “das meninas” que eram geralmente brindadas com uma flor.

Agradeço a Deus por ter me permitido conviver com ele. Ele é genial !!!!

Enfim, nosso Dr. Josef Hauser (como gostava de ser chamado) cumpriu sua missão entre nós por aqui e hoje passa a ocupar lugar no coração daqueles com quem de verdade conviveu e segue podendo ser visitado através de suas publicações e textos que passam a habitar a biblioteca, onde permanentemente se manterá vivo entre os grandes que também se dedicaram à ciência.

A nós compete o compromisso de darmos continuidade com aquilo que nos ensinou, buscando sempre a excelência e sendo também intolerantes com a mediocridade.

Visualizar um Prêmio Nobel...era certamente seu grande desejo... Vamos Lá !!!!!

Tema de capa II

TEOLOGIA E MODERNIDADE: A BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS

Entrevista com Andrés Torres Queiruga

*Aproximando-nos do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, celebrando o centenário do nascimento de Karl Rahner, que ocorrerá de 24 a 27 de maio, iniciamos uma série de entrevistas com os conferencistas e ministrantes dos diversos minicursos e oficinas do evento. O Simpósio tem por objetivos “refletir teologicamente sobre o desafio representado pelas maiorias pobres e excluídas da modernidade e o papel da Universidade neste contexto” e “aprofundar a reflexão sobre os limites e as possibilidades do lugar da teologia na pós-modernidade e no confronto com as ciências”. Um dos conferencistas que prestigiará o evento é o teólogo Andrés Torres Queiruga, da Universidade de Compostella (Espanha). Queiruga concedeu uma entrevista a **IHU On-Line** por telefone, salientando o desafio de trabalhar o imaginário de Deus presente na cultura contemporânea. O padre Andrés Torres Queiruga é licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade de Comillas, Espanha; doutor em Filosofia*

pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Exerce as funções de membro da direção da edição espanhola de **Fé cristã e Sociedade moderna**, editora SM, Madrid 1984; membro da *Europäische Gesellschaft für katholische Theologie* (Asociación Europea de Teólogos Católicos); membro Fundador de *SECR: Sociedade Espanhola de Ciências das Religiões*; membro numerário da *Real Academia Galega* e do Conselho da Cultura Galega.

Seus livros mais recentes são: *El problema de Dios en la Modernidad, Verbo Divino, Estella* 1998; *Do Terror de Isaac ó Abbá de Xesús, SEPT, Vigo* 1999. Trad. castelhana: *Del Terror de Isaac al Abbá de Jesús. Hacia una nueva imagen de Dios, Verbo Divino, Estella* 2000; *Crear de otra manera, Cuad. Aquí y Ahora, Sal Terrae, Santander* 1999;

Por el Dios del mundo en el mundo de Dios. Sobre la esencia de la vida religiosa, Sal Terrae, Santander 2000; *Fin del cristianismo premoderno. Retos hacia un nuevo horizonte, Sal Terrae, Santander* 2000; *Peccato e perdono. Perché è urgente e necessario un cambiamento nella Confessione, ISG Edizioni.- Marna, Vicenza* 2001. Entre suas obras publicadas em português citamos *A revelação de Deus na realização do homem* (São Paulo: Paulus, s.d.); *Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano* (São Paulo: Paulinas, 1993); e *O cristianismo no mundo de hoje* (São Paulo: Paulus, 1994);

IHU On-Line- Qual a importância que o senhor vê no fato de realizarmos um Simpósio Internacional com o objetivo de discutir o lugar da teologia na universidade do século XXI, celebrando a memória do centenário de nascimento de Karl Rahner?

Andrés Torres Queiruga- É um evento enormemente significativo, pela situação da teologia, que há muito tempo está tentando encontrar-se, uma vez que as mudanças da modernidade transtornaram todos os paradigmas e é preciso repensar a fundo não só as coisas secundárias da fé, mas também os mesmos fundamentos que abalaram os alicerces de todo o cristianismo. E que isso se faça com relação a Karl Rahner, um dos teólogos que compreendeu isso muito a fundo, porque a característica de Rahner é a de um homem muito enraizado na tradição teológica, mas, ao mesmo tempo, compreendeu que era preciso atualizá-la e aí seu interesse pela dimensão antropológica e transcendental de todas as verdades da fé. Sua tentativa, de alguma maneira, foi humanizar e atualizar o cristianismo.

IHU On-Line- Em que aspectos cristianismo e pós-modernidade se enriqueceram um à outra?

Andrés Torres Queiruga- Eu não sou muito partidário do termo pós-modernidade, porque a chamada pós-modernidade, que estamos vivendo atualmente, é um momento de crise, dentro de um processo englobante muito mais profundo, que é a modernidade. O que nos lembra a pós-modernidade é que a modernidade é um projeto ambíguo com aspectos positivos e, sobretudo, com aspectos irreversíveis. Em alguns deles, a humanidade não pode voltar atrás e tem que aceitá-los, como o descobrimento da autonomia do mundo, da liberdade sociopolítica, do pensamento crítico, a leitura crítica da história, o problema da emancipação da sociedade. Tudo isso foi unido com conceitos, como um otimismo exacerbado, um se encerrar na imanência, a razão instrumental dominadora, etc. O cristianismo, pelo seu sentido da transcendência, pelo pensamento vivo evangélico – não aquele que se retraiu sobre o passado, conservador, tradicionalista, que nada aportou à modernidade, e sim atrapalhou-a, senão aquela outra linha do pensamento cristão que, compreendendo, mesmo fomentando e apoiando todos os processos emancipadores da modernidade se manteve aberto ao futuro - foi uma permanente instância crítica para abrir o processo de modernidade à transcendência. Ele disse que a razão instrumental não era tudo, que havia uma dimensão muito mais profunda na pessoa humana, ao mesmo tempo, mantendo vivos esses valores de emancipação, igualdade e fraternidade. Mesmo que as igrejas não souberam aproveitá-los e tiveram que se resguardar e

ficar de fora, o cristianismo contribuiu no aspecto de abrir a cerração, o fechamento da modernidade, mesmo na atenção ao humano, ao próximo, ao indivíduo, ao particular.

IHU On-Line- Que características devem ser levadas em conta como básicas, na hora de pensar numa teologia pública, que dialogue com as outras ciências e a cultura?

Andrés Torres Queiruga- A teologia deve compreender que seu papel é fazer com que a fé cristã e a experiência cristã, bíblica, sejam significativas e operativas na cultura atual. Há dois grandes ramos. Um – o teórico - aponta para repensar a fundo a fé de maneira que mudem as categorias construídas nos séculos IV e V e renovadas na Idade Média, mas que não são autenticamente modernas. A teologia aí desempenha um papel importantíssimo, porque não vale repetir palavras mumificadas no passado despossuídas de significado hoje. Logo, há, naturalmente, o aspecto prático, porque se algo descobrimos na modernidade foi que a realidade humana está nas nossas mãos e temos que transformá-la. A fé deve operar pelo amor e, portanto, deve recuperar categorias cristãs do amor incondicional ao próximo e de serviço frente ao poder. A idéia de poder, de abuso, de exploração é algo essencialmente antievangélico e, a Igreja tem que compreendê-lo. Para lograr isso, eu penso que o grande problema prático dentro da Igreja é que ela deve democratizar-se. Temos uma Igreja que se estruturou de forma autoritária, vertical, sem participação suficiente do povo, sem consultas deliberativas, e isso é antievangélico, porque Jesus Cristo disse que quem manda deve servir, o primeiro tem que ser o último, o que não só é democrático, é ultrademocrático. Se a Igreja quer contribuir com a libertação humana, a igualdade, a justiça, a fraternidade, deve mostrar isso na práxis.

IHU On-Line- O que é urgente mudar da idéia de Deus que reside no imaginário das populações, especialmente da juventude?

Andrés Torres Queiruga- Antes de tudo, recuperar a grande verdade do cristianismo: Deus é *Abba*. Grande símbolo para indicar que Deus é criador e que cria por amor. Se Deus é a plenitude do bem e n'Ele o mundo e a humanidade têm existência é unicamente por amor. Portanto, o único interesse de Deus na criação e na história é o nosso bem, a nossa possível felicidade. Eu penso que se recuperássemos isso, seria exposta a maior essência do cristianismo que foi a que mostrou Jesus e escreveu São João: "Deus é amor", ou seja, Deus consiste em estar amando. Naturalmente, isso nos leva a problemas muito sérios, como o do mal, que a mim preocupa muito, porque temos que elaborar uma visão em que apareça com clareza que Deus não quer o mal, muito menos que o mal seja um castigo de Deus, nem sequer que Ele o consinta, senão que Ele se vê obrigado a consentir. Se Ele criou um mundo finito, temos que respeitá-lo. E o mundo finito produz carências, contradições e mal. Não digo que o mundo seja mau, e sim que o mundo é bom, mas finitamente bom e então, produz também mal. Temos que lograr ver Deus como o 'antimal' que está sempre do lado da humanidade, ajudando-a a superar o sofrimento e o conflito. Isso é profundamente bíblico: desde Moisés que Deus se compadece dos oprimidos até Jesus de Nazaré, que nos deixa como única tarefa nos preocupar com os que sofrem, com os que passam fome, com os que estão nus, com os encarcerados. Temos que recuperar este Deus-amor, mas não um amor platônico, e sim objetivo. Nesse sentido, eu dou muita importância à forma de nos relacionarmos com Ele, no modo de orar.

IHU On-Line- O que destacaria em relação ao modo de orar?

Andrés Torres Queiruga- É preciso superar a oração de petição, não por soberba, e sim por humildade. Se temos um Deus que só pensa em nos ajudar, que está nos ajudando ativamente,

porque Ele é ato puro, não está “quieto nem dormindo”, logo, somos nós os que estamos dormindo. A oração tem que se dispor a acolher essa ajuda de Deus: deixar-nos suplicar e comover por Ele e colaborar na sua ação criadora, libertadora. Então, a oração tem todos os registros de acolhida, humildade, ação de graças, mesmo de expressão de desejos. O que a oração não pode é tentar convencer a Deus, como se fôssemos melhores que Ele, e dizer: “Senhor, escutai e tende piedade”. Isso me parece uma blasfêmia. Não a intenção de quem reza, mas sim objetivamente a frase, porque estaria implicando que Deus não escuta o grito dos oprimidos, nem tem piedade deles. É Ele quem está continuamente dizendo para que escutemos o grito de nossos irmãos e tenhamos piedade deles: “colaborai comigo”, dando de comer, de beber, etc.

IHU On-Line- Qual seria, então, o sentido de interceder, ou seja, orar por outras pessoas, quando Deus é o mais interessado em ajudá-las?

Andrés Torres Queiruga- Ainda que possa resultar duro dizê-lo assim abruptamente, creio que *nenhum*. Deus está preocupado com o nosso próximo muito mais, muito mais, infinitamente mais, do que nós mesmos. Recordemos Isaías: “Ainda que uma mãe se esqueça do filhinho das suas entranhas, eu não me esquecerei de ti”⁽⁵⁾. Não precisamos, pois, nem recordar-lhe as necessidades nem convencê-lo para que as remedie. Isso sim, a oração que diante de Deus recorda aos demais e vive a sua preocupação por eles, pode servir para que nós escutemos a chamada de Deus ao amor ao próximo, para que saibamos que contamos com a sua graça a fim de vencermos a nossa preguiça ou o nosso egoísmo. Orar, pondo-se à disposição, em ato de adoração, agradecido, desejoso... diante de Deus, não só é útil e bom, senão também necessário e indispensável, mas porque nós precisamos, não porque Deus precise.

IHU On-Line- De que forma acontece a ação de Deus no mundo de hoje?

Andrés Torres Queiruga- A modernidade mostrou que o mundo funciona por si mesmo, e isso é perfeitamente coerente com a criação. Logo, não podemos pensar em um Deus que está intervindo no funcionamento empírico do mundo. Rahner dizia muito bem: “Deus atua o mundo, não atua *no* mundo”. Deus está sustentando o mundo, apoiando-o e fazendo todo o possível, mas sempre o possível por meio das leis do mundo e, sobretudo, de nossa liberdade. Portanto não podemos esperar milagres, não podemos esperar intervencionismos divinos, mas o contrário, saber que Deus está sempre atuando com toda a generosidade do seu amor, e que somos nós os que temos que acolher essa atuação, essa força e transformá-la em ação histórica. Eu sempre dou como exemplo a parábola do samaritano⁽⁶⁾. Há um ferido na beira do caminho que está se esvaindo em sangue, a Deus dá-lhe muita pena e de seu lado está ajudando, dando-lhe ânimo interno, está sustentando-o. Mas, as mãos de Deus para uma ação empírica, histórica é o sacerdote que passa, é o escrivão que passa. Eles não fazem caso, e o enfermo continua se esvaindo em sangue. Por sorte para Deus e para o enfermo passa o samaritano que se compadece, que escuta a Deus no “tende piedade” do irmão e transforma o impulso divino em ação histórica, curando e salvando. Esta é a grande parábola do que devia ser a ação do cristão no mundo.

IHU On-Line- Qual será o perfil do cristão do século XXI?

Andrés Torres Queiruga- Estamos vivendo um momento de enorme transformação no processo da modernidade: o de uma grande avalanche que está avançando com diversas

⁵ Isaías 49,14-15. (Nota do IHU On-Line).

⁶ Lucas 10, 30-37 (Nota do *IHU On-Line*).

crises. Temos que estar atentos a todos os fenômenos que se produzem no mundo e também na experiência do mundo religioso. Não convém rejeitar nada, mas também é verdade que se deve usar um critério discernidor para encontrar o que seja mais autenticamente cristão. É claro que hoje um cristianismo que se refira ao Evangelho precisa se comprometer com a transformação material da sociedade, no remédio, possível, das necessidades, na procura da justiça e na preservação da dignidade de todos os homens e mulheres. Sem dúvida, tem havido crescimento de movimentos espiritualistas, carismáticos que valorizam a festa, o corpo a experiência imediata de Deus, o que significa que também aí há uma necessidade. Necessidade que não devemos rejeitar ou negar, e sim integrá-la ao movimento global que leva em conta a integridade da pessoa e a sociedade, filhos e filhas de Deus, irmãos nossos. Um cristianismo que se reduzisse a puro intimismo, a pura celebração, seria falso, não corresponderia ao projeto de Jesus de Nazaré. Mas, se logra integrar esses aspectos, sem dúvida, estaríamos criando algo novo. Ainda não temos fórmulas, nem teológicas, nem práticas. Há, sim, diversas experiências de comunidades que, abertas às necessidades do mundo e inseridas na cultura atual, conseguem ser cálidas, celebrativas e comprometidas.

IHU On-Line- Como vê o diálogo inter-religioso em sua fase atual?

Andrés Torres Queiruga- É outro dos temas fundamentais, porque um dos frutos da modernidade foi unificar o mundo. Hoje todas as religiões estão em contato e portanto nos conhecemos todos e sabemos da enorme profundidade e da história das outras religiões. Pensar que Deus se revele só a uma religião e só haja salvação em uma religião, por grande e bonita que seja, como é a bíblica, seria uma monstruosidade. É como um pai ou mãe que, tendo muitos filhos, se preocupam com um e mandam os outros ao asilo. Devemos partir de que todas as religiões são verdadeiras. Uma religião é verdadeira na medida em que descobre a presença de Deus na vida humana, que é sempre salvadora, e é nisso que consiste a religião. Eu gosto de falar de “pluralismo assimétrico”, isto é, reconhecer explicitamente que as religiões, por si mesmas, de maneira autônoma, enquanto incluem naturalmente a graça salvadora de Deus são vias de revelação e salvação. Mas não vou negar o realismo histórico que nos indica que nem todas o conseguem em igual medida como acontece sempre na vida. Não há duas filosofias iguais, nem dois científicos que tenham o mesmo conhecimento, nem dois projetos políticos que tenham as mesmas qualidades. Por isso, também no diálogo e na missão, não se pode tratar só de “inculturação”, como se fosse suficiente salvar a cultura, deixando a religião. É preciso ir além, falando de “inreligiosação”⁷, quer dizer, salvar também a religião, oferecendo-lhe – não impondo-lhe – , como enxertos que aumentam a vida duma planta, aqueles elementos que não estejam nela e que a nós nos pareçam importantes (como também nós devemos acolher, enxertando na nossa religião, aqueles elementos dos outros que nos possam enriquecer).

Tema de Capa III

“TODOS NÓS MATAMOS JESUS”, AFIRMA MEL GIBSON

*Reproduzimos, a seguir, uma entrevista com Mel Gibson, diretor do filme **A Paixão de Cristo**, realizada por Paoula Aboujaoude e publicada na **Folha de S. Paulo** do dia 22 de fevereiro de 2004.*

⁷ Palavra usada pelo Pe. Queiruga, seria correspondente, na religião, à “inculturação”.

Nos últimos meses, ao lado de editoriais sobre a situação caótica no Iraque e a instabilidade da economia de George W. Bush, o nome de Mel Gibson, 48, foi uma constante nos grandes jornais americanos. O *New York Times* publicou pelo menos 30 artigos sobre a polêmica nova produção do astro de *Máquina Mortífera*. Após uma crise espiritual, Gibson decidiu rodar um filme que reaviva, num crescendo de violência e imagens chocantes, as 12 horas finais da vida de Jesus Cristo. ***A Paixão de Cristo***, que estreou dia 25, nos EUA, plena Quarta-Feira de Cinzas (no Brasil será lançado em 19 de março), e é falado em aramaico e latim, foi duramente criticado por diversas correntes religiosas americanas. A mais severa acusação foi de o diretor de *Coração Valente* ter criado um filme anti-semita. Ele refuta.

Folha - O senhor disse que começou a maturar a idéia de um filme sobre Cristo há 12 anos, quando enfrentou uma crise espiritual, não?

Mel Gibson - Acredito que todos nós chegamos a um ponto em nossas vidas em que damos de cara contra a parede. Isso é doloroso. A dor é a precursora da mudança. Foi o que ocorreu em meu caso. Alcancei um estágio de tristeza pessoal e então era tempo de parar e voltar atrás. Foi focando na Paixão, que é o tema central da fé cristã, que pude fazer essa volta. Se você abraça essa busca como forma de tratamento, é claro que ela irá se tornar uma parte integral de você. No meu caso, não tinha como um trabalho não emergir disso. Estava tudo arraigado em mim. Michelangelo e Da Vinci - e não estou me comparando com esses artistas - produziram trabalhos que emanaram da dor.

Folha - Por que o senhor decidiu revisitar uma história contada tantas vezes e por um prisma que vem gerando controvérsia?

Gibson - As Escrituras sempre foram controversas. Elas foram separadas, depois juntadas e reinterpretadas por 2000 anos, atravessando o teste do tempo. Devo dizer que meu filme adere muito bem às Escrituras. Não fiz nada no vácuo. Não se trata do "Evangelho Segundo Mel". Durante um período de 12 anos, li volumes e mais volumes das Escrituras, falei com historiadores bíblicos... Em alguns pontos, é minha interpretação, claro. Mas não acredito que tenha traído o Evangelho. Aderi-me a ele com muita veracidade e não com uma agenda por trás, como algumas pessoas disseram.

Folha - O senhor recentemente cortou uma passagem de seu filme criticada por ser anti-semita, na qual o sumo-sacerdote Caifás invoca um tipo de maldição sobre o povo judeu, declarando sobre a Crucificação: "Que seu sangue esteja em nós e em nossas crianças". O que tem a dizer sobre isso?

Gibson - Meus detratores acham que eu estava tentando dizer que existe uma maldição milenar em cima dos judeus. A igreja nunca ensinou aquilo, e eu entendo que exista um medo a respeito, e queria acalmar qualquer temor. Acredito em todas as linhas do Evangelho. As nuances teológicas dele são vastas, e você não pode explicar tudo em um segundo e meio, que era o tempo em que essa frase aparecia no filme. Não queria que falassem que fiz um jogo de culpa.

Folha - Na sua opinião, quem realmente matou Jesus?

Gibson - Todos nós matamos Jesus. Ele morreu pelos pecados de todos os homens de todos os tempos, e se você quiser, eu serei o primeiro da fila a aceitar essa culpabilidade. O papado condenou o racismo e o anti-semitismo de todas as formas. Isso ficou bem claro na encíclica do Papa Pio V. Ser anti-semita, então, é pecar, é ser anticristão. E isso eu não sou.

Folha - Por que a figura de uma mulher para representar Satã?

Gibson - Queria que a maldade não tivesse uma forma execrável. Procurei uma imagem saudável, como a de uma figura materna. Era importante apresentar a maldade como alguém bom.

Folha - O senhor disse que esse filme prejudicará sua carreira...

Gibson - Estava brincando quando disse aquilo. É claro que teve gente que se distanciou de mim. Alguns eu até esperava, outros não. Ei, a vida é assim mesmo.

DISCUSSÃO SURGE DE EXPRESSÃO DE IRA SEM CONTEXTO

Reproduzimos, a entrevista com Jack Miles, publicada no **The New York Times** e reproduzida pela **Folha de S. Paulo** do dia 22 de fevereiro de 2004. Jack Miles, nascido em Chicago em 1942, começou seus estudos como seminarista jesuíta e, entre 1960 e 1970, frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, e a Universidade Hebraica, em Jerusalém. Em 1996, lançou seu primeiro livro, **Deus: Uma Biografia** (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), com o qual ganhou o Prêmio Pulitzer ao usar a figura de Deus como personagem literário, surgido incompleto no começo da Bíblia. O escritor lançou em 2001 seu segundo livro, **Cristo: Uma Crise na Vida de Deus** (São Paulo: Companhia das Letras, 2002).

Pergunta - O que dizer da história da perseguição cristã contra os judeus, por conta de eles serem vistos como "assassinos de Cristo"?

Resposta - A afirmação de que os evangelhos são anti-semitas se baseia num verso contido em Mateus 27:24-25: "Pilatos viu que nada adiantava, mas que, ao contrário, o tumulto crescia. Fez com que lhe trouxessem água, lavou as mãos diante do povo e disse: 'Sou inocente do sangue deste homem justo. Isto é lá convosco!'. E todo o povo respondeu: 'Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!'" O Evangelho de Mateus é o único dos quatro evangelhos do Novo Testamento a incluir essa fala. Embora a modificação seja típica do tipo de liberdade que os roteiristas tomam ao transformar um livro num roteiro de filme, ela teria tido o efeito de tornar ainda mais oficial a presunção de responsabilidade pela execução. Entretanto, nos evangelhos, diferentes multidões judaicas têm visões distintas de Jesus e, às vezes, se confrontam publicamente. O Evangelho de Mateus foi quase certamente escrito por um judeu cristão para outros judeus como ele, contra seus adversários judeus. Imagine a raiva dos israelenses seculares diante do que os israelenses ultra-ortodoxos descreveram como a execução de Yitzhak Rabin e como estes aplaudiram Ygal Amir quando ele cometeu o assassinato. Por intensa que tenha sido essa ira, não foi uma ira anti-semita, pois todos os envolvidos eram judeus. A mesma coisa pode ter acontecido no caso de Jesus. Infelizmente, porém, quando um evangelho contendo uma expressão tão forte de ira migra para fora de seu contexto judaico original, passando para outros contextos em que os judeus são minoria, o verso notório adquire um potencial anti-semita inteiramente novo e assustador. Na minha opinião, ele conserva esse potencial até hoje.

Pergunta - O que diz a teologia cristã?

Resposta - Que a morte de Jesus não é um mal que poderia ser corrigido se seus assassinos pudessem, de alguma maneira, ser levados diante da justiça. Que aqueles que mataram Jesus, embora tenham pecado, eram instrumentos nas mãos de Deus e que o inimigo de Deus não era seu povo, Israel, mas Satanás. Que foi Satanás, e apenas ele, quem foi derrotado quando

Jesus se ergueu dos mortos: o Paraíso perdido, o Paraíso reconquistado. Mas alguma vez os anti-semitas se preocuparam, de fato, com a teologia?

Pergunta - O que levou ao confronto entre Jesus e os outros judeus?

Resposta - Quando Jesus deixou a Galiléia e começou a atrair multidões nas ruas de Jerusalém com suas pregações apocalípticas, os colaboradores judeus dos romanos se alarmaram, pensando em qual poderia ser a reação romana. Para citar o Evangelho de João: "Que faremos? Esse homem multiplica os milagres. Se o deixarmos proceder assim, todos crerão nele, e os romanos virão e arruinarão a nossa cidade e toda a nação." Um deles, chamado Caifás, que era o sumo sacerdote daquele ano, disse-lhes: "Vós não entendeis nada! Nem considerais que vos convém que morra um só homem pelo povo e que não pereça toda a nação" (João 11:47-50). A ironia desse trecho-chave é que, deixando de lado o aspecto implacável de sua visão, a disposição de Caifás em aquiescer com o domínio romano era igualada pela de Jesus. Não só Jesus não era militante - era pacifista radical, e sua posição com relação a Roma era escandalosamente obediente: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Marcos 12:17). Imagine Moisés dizendo "Dai ao Faraó o que é do Faraó, e a Deus o que é de Deus", e terá alguma idéia da transformação que Jesus e seus seguidores judeus se dispunham a operar. Em termos históricos, portanto, Jesus pode ser visto como vítima de um erro trágico ou de um cálculo cínico dos judeus que o denunciaram aos romanos. Mas, em qualquer um dos casos, o primeiro e fatídico passo contra ele foi dado não pelos judeus, mas por alguns judeus. Fontes judaicas e cristãs da época atestam que Jesus tinha inimigos judeus influentes. O que chama a atenção, porém, é que, em vista do medo que os cristãos primitivos sentiam da atenção romana hostil, as palavras do mais antigo sumário de fé cristã atribuem a culpa (pela morte de Jesus) ao governador romano, se é que a atribuem a alguém. Na visão de São Pedro, os envolvidos na morte de Jesus faziam parte do plano eterno de Deus. Falando como judeu aos outros judeus, no primeiro grande sermão de sua carreira, Pedro disse: "Sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos chefes. Deus, porém, assim cumpriu o que já antes anunciara pela boca de todos os profetas: que o seu Cristo devia padecer". (Atos dos Apóstolos 3:17-18).

Pergunta - Será que vamos perder alguma coisa, então, se o verso fatídico não estiver presente?

Resposta - Não, na medida em que os Evangelhos de Marcos, Lucas e João tampouco são falhos por não conterem o verso presente em Mateus. De resto, espero que A Paixão..., que ainda não vi, não justifique o pior que se diz sobre ele antes de seu lançamento. Mas, se isso acontecer, o resultado será mais uma pena do que um perigo.

POR QUE O ESCÂNDALO AINDA DURA?

*Reproduzimos, a seguir, a entrevista com René Girard, publicada no jornal italiano **La Repubblica** do dia 10-3-04. René Girard, hoje com 81 anos, partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. É autor de numerosos livros-chave, entre eles **La Violence et le Sacré** (A violência e o sagrado), em 1972, **Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde** (Das coisas escondidas desde a fundação do mundo), em 1978, **Le Bouc Émissaire** (O Bode expiatório), 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ele é autor também do livro **Je vois Satan tomber comme l'éclair**, (Eu vejo Satanás cair como um raio). Paris: Grasset, 1999. Ele ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é **A violência e o sagrado**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.*

O escândalo de Cristo, sustenta o filósofo René Girard, está inscrito na natureza da Paixão. Na sua nua, intolerável cruza: “Por isso, antes da Paixão, Cristo disse aos seus discípulos: Todos vocês se escandalizarão por causa de mim”. Por outro lado, o escândalo é implícito na própria idéia de Deus que se faz homem, assumindo sobre si a fragilidade e os pecados do mundo inteiro: “Por isso os cristãos modernizados, para encontrar uma linguagem que lhes permita a comunicação com os pagãos, isto é, com os ateus, esqueceram aquela violência impressionante. O olhar das outras crenças sobre o cristianismo é dominado pela convicção que um credo no qual Deus se torna homem é marcado pela falta de respeito para com Deus. Mas estou convencido de que é, precisamente, neste núcleo escandaloso que reside a grande força do cristianismo, que é capaz de nos dizer tanto, ou tudo, sobre a essência do homem e sobre a sua relação com a violência”.

Sacralidade e violência são os temas mais caros a este antropólogo e comentador de textos sagrados, além de experto em psicanálise e estudioso apaixonado de literatura. Nascido na França em 1923 (no dia de natal, como Jesus), e trabalhando, desde os anos 1960, nos Estados Unidos (hoje ensina na Universidade de Stanford), Girard é um humanista cujos escritos vivem de um respiro transversal, estranho a óticas de erudição especializadas. Girard trabalha de maneira transdisciplinar.

Ortodoxo na sua escolha de fé (ele foi descrito como o “Hegel do cristianismo”), Girard conta que gostou muito do filme de Gibson sobre Jesus, “primeira representação autenticamente realista, portanto escandalosa, da Paixão. Acho formidável que o modo do filme ser narrado tenha provocado indignações e polêmicas. Alguém escreveu que é indecente rebaixar o grande e sublime profeta, Jesus, ao papel de vítima. Mas é somente assim que se chega à verdadeira definição do cristianismo. Isso demonstra o poder do filtro, além de nos induzir à constatação de que a única arte hodierna verdadeiramente viva é o cinema, em oposição ao falso realismo que nos circunda”

La Repubblica: O que o senhor entende por falso realismo?

Girard: Negando a unicidade do real, portanto a aderência da forma artística aos aspectos de realidade, toda a arte moderna é anti-realista. Não foi assim nos outros séculos. Certos Cristos espanhóis, como certas crucifixões nórdicas – penso na *Subida ao Calvário de Bruegel* – mostram as pessoas ao redor do Cristo na sua miséria e brutalidade. Redescobrir uma representação realista brutaliza os olhares. Não por acaso Gibson disse que se inspirou em Caravaggio. Mas ele foi além porque o cinema é tempo real, e destruindo ao mesmo tempo tantos Cristos açucarados de Hollywood. Também o Cristo de Pasolini, que sobrepunha uma falsa audácia, inserindo elementos sexuais e modernistas, não tinha sentido. A Paixão por si, pura e simples, é muito mais escandalosa”.

La Repubblica: Qual é a figura de Cristo dos Evangelhos?

Girard: Precisamente a de vítima, ainda que os Evangelhos não tenham, naquele momento, uma qualidade realista, porque o modo realístico, no texto literário, na época não existia. Contudo, os estudiosos demonstraram que os Evangelhos são mais realistas que a literatura da época, como aquela romana. Eles sabem evocar com detalhes concretos o interrogatório do sumo sacerdote, a coroa de espinhos, a tragédia da flagelação? Mas uma coisa é dizer, uma outra é mostrar aos olhos.

La Repubblica: E o Cristo dos Evangelhos apócrifos?

Girard: Não há um só. Há tantos quantos produziu a extraordinária revolução do cristianismo que gerou, ainda que tardiamente, numerosas e diferentes tendências. Houve quem suprimisse completamente a Paixão, quem, como os arianos, disse que Cristo não era Deus. Houve a que foi chamada de gnose e que sempre foge do escândalo do Deus que se fez pessoa humana e que, como tal, está pronto para sofrer. Estou convencido de que os únicos e verdadeiros Evangelhos sejam os quatro ortodoxos, portadores do cristianismo que mostrou a humanidade da violência, que se não é limitada pelos textos, se deixada livre, pode inventar falsas divindades, como Dionísio, ou as várias divindades arcaicas.

La Repubblica: Como saber se um texto é mais confiável do que outro?

Girard: Não há nada de definitivo e racional. Trata-se de uma escolha ligada a uma intuição. Eu creio nos grandes Concílios que definiram a ortodoxia, afastando a heresia ariana. Compreenderam o escândalo do cristianismo e o aceitaram. Expressaram, em perspectiva intelectual, a enormidade da Cruz e do Deus morto pelos homens.

La Repubblica: O que lhe levou a uma tal escolha tão ortodoxa?

Girard: Cheguei ao cristianismo nos anos 1960. Antes eu era materialista, como todos. A minha conversão foi um processo relacionado com o meu trabalho, que se desenvolveu com o estudo dos textos sagrados. O cristianismo me ensinou que a história tem um sentido e, num nível mais profundo, que as rivalidades podem ser resolvidas fora dos mecanismos sacrificiais. Conservar esta mensagem é o único gesto revolucionário possível neste nosso novo milênio.

Tema de capa IV

PAIXÃO SEGUNDO MATEUS, DE J. S. BACH: 'UMA VERDADEIRA CELEBRAÇÃO PERCEPTIVA'

*A Prof.ª Dr.ª Yara Borges Caznok estará na Unisinos nos dias 1º e 2 de abril, conforme a programação logo abaixo especificada, comentando trechos da obra **Paixão de N. S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus**, de Johann Sebastian Bach. Yara Borges Caznok é musicista, Doutora em psicologia social pela USP, pesquisa a área de Percepção musical. É professora do Instituto de Arte da Unesp, câmpus São Paulo. Reproduzimos a seguir o artigo publicado pela Profa. Yara Borges Caznok na **Gazeta Mercantil** do dia 17 a 21 de abril de 2003.*

PAIXÕES DE J. S. BACH

Por Yara Borges Caznok

“O povo esquece da sua Paixão, para viver a do Senhor...”, diz o cancionista popular. Quem sabe, por isso, a história da prisão, sofrimento, amor e morte de Jesus Cristo sempre recebeu, desde o século IV, um tratamento musical diferenciado. No Domingo de Ramos e durante a Semana Santa, era costume entoar o relato bíblico em forma de salmodia, já com uma distribuição de papéis: Cristo destacava-se dos demais personagens (Pilatos e Pedro), e, na narração do Evangelista, havia momentos reservados às exclamações da turba.

No século IX, surgiu a caracterização vocal dos personagens: o Evangelista canta em uma região vocal central; Cristo canta em uma região grave, e os outros, em regiões agudas. Alguns séculos mais tarde, compositores renascentistas criaram Paixões em forma de diálogo, alternando monodias tradicionais do cantochão com passagens polifônicas criadas especialmente para a ocasião. Para que a congregação acompanhasse e participasse com

mais envolvimento, essa simples, mas eficaz estrutura foi ampliada por Lutero: hinos passionais em alemão foram compostos sobre canções seculares e os cantos comunitários aumentaram. Musicalmente falando, no entanto, é com Heinrich Schütz (1585-1672), que a “Paixão Oratório” se desenvolve: fundem-se os estilos *gravis* alemão e o estilo *luxurians* italiano. Da tradição dos madrigais italianos, as Paixões alemãs vão guardar a pintura musical (música figurativa) e as novidades da ópera – a forma dramática de cantar, as passagens virtuosísticas e os instrumentos solistas.

As duas grandes Paixões de J. S. Bach (1685-1750) que sobreviveram em sua integralidade – São João, composta em 1724 e São Mateus, em 1736 – são tributárias dessa longa e profícua tradição. Concebidas como obras funcionais, ou seja, obras destinadas a serem executadas como parte integrante dos cultos em dias específicos (Mateus, no Domingo de Ramos; João, Sexta-Feira Santa) as Paixões bachianas vão muito além de sua missão original. Hoje em dia são executadas em forma de concerto em diferentes períodos do ano e, se não convertem mais o público em relação à fé religiosa, capturam-no para o domínio da sensibilidade, da beleza e da experiência estética.

Para nos aproximarmos um pouco mais da genialidade da música de Bach, vale à pena trazer à tona um procedimento poético-composicional bastante difundido no Renascimento e no período barroco, existente não só em suas Paixões, mas também em suas Cantatas. Trata-se da presentificação da visão no momento da fruição musical.

No terreno das criações “puramente” musicais, numerosas são as poéticas que solicitaram a presença e a participação da visão no momento da escuta. Nos madrigais renascentistas, no descritivismo instrumental barroco ou, mais tarde, no poema sinfônico romântico, por exemplo, há um pacto entre o audível e o visível que opera independentemente da nossa adesão a ele, instalando em nossa memória algumas “fórmulas” melódicas, melódicas e harmônicas.

Na poética da *word-painting* (pintura das palavras em música), as águas tranqüilas de riachos, fontes e regatos, por exemplo, são apresentadas musicalmente por trêmolos, trinados, figurações com repetidos movimentos ascendentes e descendentes, uso em surdina de instrumentos de corda (Vivaldi, *A Primavera*, de *As Quatro Estações*) e as águas agitadas pelos ventos, trovões e tempestades aparecem por meio de escalas rápidas, golpes de arcos ou percussão (Beethoven, *Sinfonia em Fá M. op.68, Pastoral* – 2º movimento). Preces e vãos angelicais que se dirigem à mansão celestial são descritos por movimentos melódicos ascendentes e acordes consonantes (J. S. Bach, *Eilt, ihr angefochten Seelen*, ária com coro, da “Paixão segundo São João”), enquanto as almas que devem penar nas entranhas do inferno enfrentam escalas cromáticas descendentes e duros acordes dissonantes (Mozart, cena XV do Ato II, final da ópera *Don Giovanni*). O choro e o soluço aparecem em motivos rítmicos hesitantes entrecortados por pausas (J. S. Bach, *Capriccio sopra la lontananza del suo fratello diletissimo, III*), e a solenidade da realeza se expressa por ritmos pontuados e enérgicos e precisos (Rameau, *Overture da Suíte Orquestral Dardanus*).

Um poema, um mito, uma cena, um elemento da natureza, um fato histórico ou pictórico cantado, descrito sonoramente ou apenas aludido por meio do título da peça, tem, como um de seus objetivos, a circunscrição do domínio afetivo-imaginário no qual a obra deseja se revelar. Essa era a intenção dos compositores.

Para que uma obra possa circunscrever seu domínio afetivo-imaginário de maneira a que a fruição estética aconteça na forma da presença plena do sensível, ela deve, antes de tudo, abrir-se, movimentar-se em direção ao público e liberar alguns de seus pontos de referência, apostando na construção de uma relação de proximidade e familiaridade. Preparar emocionalmente o ouvinte, seduzi-lo, convencê-lo e mantê-lo na obra até o fim era algo perseguido com muita objetividade nos séculos XVIII e XIX não só por compositores, mas

também por intérpretes. A conquista da platéia fazia parte de seus programas de normas estético-operacionais.

É comum encontrarmos, nos principais tratados de interpretação do século XVIII – J. Mattheson (*Der Volkommene Cappelmeister*) e J-J. Quantz (*On playng the flute*), por exemplo – termos usados pela retórica religiosa, como “persuasão”, “convencimento” e “conversão”, quando se descreve o relacionamento almejado entre uma obra, seus intérpretes e seus ouvintes. Criadores e intérpretes são vistos como pregadores e a platéia é, composta por ouvintes-fiéis, cujos olhos e ouvidos são chamados a realizar uma experiência perceptivo-cognitiva única. A confluência dos sentidos aumenta e potencializa o poder de sedução e de domínio a ser exercido sobre o ouvinte. A esse respeito, o Padre Antônio Vieira (1608-1697) em seu **Sermão Sexagésima**, pregado na Capela Real de Lisboa, em 1655 – **Semens est verbum Dei** (A semente é a palavra de Deus) – é explícito aos descrever os caminhos pelos quais uma alma é convertida.

“[...] Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro de si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o entendimento. [...]”

A circularidade do discurso deixa evidente a reciprocidade entre visão e audição: por meio da escuta (...há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo...) se enxerga a doutrina, ou seja, o verbo, a voz (...O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina ...) e se chega ao conhecimento (...o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento...). Tudo só é possível porque Deus, com a graça, ilumina as coisas a serem vistas. Para se converter, é preciso ouvir-se e ver-se, tornar-se familiar consigo mesmo e com seus conhecimentos.

Que coisa é a fruição estética senão, deixar-se ser seduzido, persuadido e convertido, ou seja, transformado, por uma obra de arte? Esta foi a pergunta que o compositor barroco se fez e, aliando a técnica de convencimento desenvolvida pela oratória e pela retórica greco-latinas à força de uma música que entra pelos olhos e ouvidos, criou obras cujo poder de captura e de arrebatamento sensível levam a escuta musical a um patamar de verdadeira celebração perceptiva.

Exemplos perfeitos dessa celebração perceptiva podem ser encontrados na *Paixão segundo São Mateus*, na qual Bach constrói seu discurso musical persuasivo de forma equivalente àquela examinada no Sermão do Padre Vieira. Olhos e ouvidos são convidados a entrar em uma espécie de jogo no qual um sentido invoca reciprocamente o outro. Já nos primeiros versos, o compositor é o explícito: Ouvintes, venham ver! Olhos, ouçam! Configura-se, assim, um espaço que não será experimentado apenas em sua dimensão acústica, mas também visual e cenograficamente.

Kommt, ihr Töchter, helft mir klagen (Vinde, ó filhas, ajudai-me a lamentar)/ Sehet – Wen? Den Bräutigam. (Vede! Quem? O noivo.)/ Sehet ihn – Wie? Als wie ein Lamm! (olhai-o. Como? Como um cordeiro!) [...]

Estes versos iniciais apelam, insistentemente, para que olhemos, para que vejamos. É, também, com os olhos que se deve ouvir e viver a história de amor e morte de Cristo.

Durante o desenrolar dos eventos que culminam na crucificação de Cristo, diversas formas de participação visual se apresentam aos ouvidos. Um sem número de figuras e símbolos musicais derivados dos *loci topici* (palavras-chave) percorrem os corais, os recitativos, as árias. Alguns são evidentes: no recitativo da primeira ária da obra, *Du lieben Heiland du* (Tu, amado Salvador), para contralto, a idéia principal é a palavra *tränenflussen* (lágrimas que escorrem), descrita pelos pizzicatos do órgão e do contínuo, pelos motivos de três notas descendentes em graus conjuntos que escorrem”, melódica e graficamente falando, seguidas de um pequeno salto ascendente em *stacatto*. Nas duas árias seguintes – *Buss und Reu* (Penitência e Arrependimento) e *Blute nun, du liebes Herz* (Sangra, ó amado coração) – o mesmo motivo das lágrimas (em gotas e/ou como uma torrente) será desenvolvido em conotações dolorosas mais intensas.

Outras figuras musicais, mais enigmáticas, têm seu sentido relevado após freqüentes e atentas audições. Este é o caso da “auréola” simbolizada pelas cordas que acompanham todas as falas de Jesus, com exceção daquela em que ele, já pregado na cruz, clama: “Eli, eli, lama, asabthani!” (Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste!). Nesse trecho, a ausência das cordas, ou seja, da auréola, torna mais pungente a solidão e a humanidade de Cristo.

Há ainda, nessa paixão, alguns recursos gráficos trazidos de *augenmusik* (música para os olhos), que são ainda mais reservados para os “iniciados”. Neste caso, é preciso visualizar ou ler a partitura, pois sua disposição gráfica apresenta e reafirma, visualmente, o conteúdo simbólico do que está sendo apresentado musicalmente. Muito popular entre os madrigalistas italianos durante os séculos XVI e XVII, esse procedimento se torna, nas mãos de Bach, um poderoso meio de persuasão estético-religiosa. São vários os desenhos de cruz formados pelo agrupamento de notas e de pausas, dispostas graficamente no espaço total da página. Uma cruz se encontra quase no final da primeira parte da paixão, no trecho em que Jesus é feito prisioneiro. Nos braços da cruz, formados pelas melodias cantadas pelo soprano e pelo contralto e acompanhados pela orquestral, lê-se/ouve-se: *So ist mein Jesu nun gefangen* (Assim meu Jesus foi preso).

As intervenções do coro (povo) que clama - *Lasst ihn, haltet, bindet nicht!* (Deixem-no, parem, não o amarrem!) - formam o tronco da cruz.

Indiscutíveis e belos em sua evidência sensível, esses procedimentos se encontram também na Paixão segundo São João. Que o leitor se deixe convencer e ser persuadido pela obra de Bach e que aproveite a Semana Santa para alimentar-se espiritual e perceptivamente com essas obras.

Confira a programação:

Evento: IHU Idéias – Paixão: desde a Idade Média até o século XX– Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznok – Professora na UNESP.

Dia: 01 de abril

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala 1G119 – Instituto Humanitas Unisinos

Evento: Audição Comentada de trechos da obra “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach – Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznok – Professora na UNESP

Dia: 02 de abril

Horário: 8h30min às 11h30min

Local: Miniauditório da Biblioteca da Unisinos

Evento: Audição Comentada de trechos da obra “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach – Prof.ª Dr.ª Yara Borges Caznok – Professora na UNESP

Dia: 02 de abril

Horário: 19h às 22h

Local: Auditório da Antiga Sede da Unisinos

Rua Brasil, 275 – Centro – São Leopoldo

Evento: Concerto de Páscoa “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, de Johann Sebastian Bach

Regente: João Paulo Sefrin

Dia: 04 de abril

Horário: 20h

Local: Anfiteatro Pe. Werner – Unisinos

Evento: Concerto de Páscoa “Paixão de N.S. Jesus Cristo segundo o evangelista Mateus”, Johann Sebastian Bach

Regente: João Paulo Sefrin

Dia: 07 de abril

Horário: 20h

Local: Teatro Dante Barone – Assembléia Legislativa – Porto Alegre

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura

BRASIL PERDE BONDE DA HISTÓRIA

*A entrevista a seguir nos foi enviada pelo Setor Pastoral Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e foi originalmente publicada pelo jornal **Brasil de Fato**, de 5 de março de 2004. Nela, o professor Plínio de Arruda Sampaio compara o governo de Lula ao governo de FHC e critica a submissão aos interesses do FMI. O professor Plínio de Arruda Sampaio é advogado, promotor público, ex-deputado federal constituinte pelo PT, e um especialista na questão fundiária no Brasil. Antes de 1965, participou ativamente da construção do Partido Democrata Cristão – PDC. Depois foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. Trabalhou durante 30 anos na FAO (órgão da ONU voltado para a agricultura e a alimentação). Atualmente é diretor do jornal **Correio da Cidadania**. **IHU On-Line** o entrevistou na 70ª edição, de 11 de agosto de 2003.*

Brasil de Fato - O senhor acha que a desesperança está vencendo a esperança?

Plínio Arruda Sampaio - Acho que estamos em uma encruzilhada muito difícil da história do País. É o momento que o Brasil tem para se afirmar como nação. Mas, para isso, deveria realizar reformas estruturais, para ficar mais autônomo. Nesse momento, é realizada, no mundo, uma nova divisão internacional do trabalho. O capitalismo está definindo quem vai fazer as coisas que dão dinheiro e quem vai fazer as coisas secundárias, que não dão dinheiro.

Agora, o Brasil deveria firmar-se com um projeto próprio. Entretanto, perde tempo com uma visão puramente financeira da economia e com essa idéia ingênua de que pode se inserir soberanamente na globalização mundial.

BF - O posicionamento do Brasil na conjuntura mundial deve-se a algum tipo de ingenuidade?

Sampaio - Pode ter gente ingênua, mas há enormes interesses por trás disso. O que existe é o desejo das elites brasileiras de se inserir, de qualquer maneira, no mundo globalizado. E há a ilusão do governo, de admitir que pode ser uma inserção autônoma, independente, pois será necessariamente subordinada.

BF - Há uma ilusão por parte do governo?

Sampaio - Eu acho que há uma tremenda ingenuidade do PT, do governo, da equipe econômica, de imaginar que é possível se inserir soberanamente neste mundo globalizado. Aliás, isso já foi tentado pelo Fernando Henrique Cardoso. A tentativa (de FHC) foi exatamente esta: acreditar que, cedendo ao imperialismo, os capitais estrangeiros para o País e dinamizariam a economia. E o PT está repetindo exatamente a mesma coisa, cumprindo tudo o que o Fundo Monetário Internacional (FMI) quer. Pensa que os capitais estrangeiros vêm para cá, modernizam a nossa economia, colocam-na dentro do nível da globalização, e o Brasil cresce. Isso é uma ilusão, nós temos de romper com a globalização.

BF - Existe força política no governo para fazer essa ruptura?

Sampaio- Eu acho que o governo não quer jogar esse jogo. Se quisesse jogar, teria força. Acho que as massas populares serviriam a um governo que propusesse uma firme política contrária à pressão externa, ao FMI. Eu tenho a impressão de que, no fundo, hoje estão se revelando os problemas da longa involução do PT. Era um partido que desafiava a ordem e foi se tornando um partido da ordem.

BF- Como se deu esse retrocesso?

Sampaio - O PT formou-se com dois pés: um deles era a política direta de pressão de massas, de mobilização popular, de rompimento com o sistema estabelecido. O outro pé era a política institucional, a presença nas instituições do Estado, as eleições, etc. O pé da pressão direta de massa enfrentou dificuldades, quando o capitalismo deu a volta por cima e criou o desemprego estrutural. A força da classe trabalhadora foi quebrada. E o pé eleitoral desenvolveu-se exageradamente. O PT cresceu como uma alternativa eleitoral, não como uma alternativa política. Na cabeça dos militantes e dos dirigentes não se desenvolveram conceitos, conhecimentos necessários para uma ruptura política. Quando chegou na hora, o imediatismo prevaleceu, com essa verdadeira paranóia, esse medo de que o mercado vire um caos.

BF - Há possibilidade de caos?

Sampaio - Nesse primeiro ano, todas as medidas do governo foram para evitar o caos. Mas qual caos? Aquele que o mercado poderia provocar. Mas o mercado é a força do capitalismo, e o PT se diz um partido socialista, que veio para mudar o capitalismo, para substituir o capitalismo por uma ordem socialista. Então, realmente o PT perdeu o seu rumo.

BF - O Partido dos Trabalhadores ainda pode ser considerado um partido socialista?

Sampaio - Eu acho que o PT está passando por uma enorme crise. E toda crise tem dois sinais: um sinal de morte e um sinal de vida. Neste momento, estamos na turbulência dessa contradição.

BF - Alguns intelectuais de esquerda avaliam o PT hoje como um partido da burguesia.

Sampaio - Ele não é um representante da burguesia, até porque a burguesia não tem confiança no governo, ela só está usando a política econômica. Mas quando surge um problema, como agora, a burguesia ataca sem piedade.

BF - Que caminho deveria ser seguido?

Sampaio - Eu não conheço nenhum país que conseguiu se tornar independente e desenvolvido sem romper com a ordem econômica internacional. O governo, o Brasil têm que dizer: "Não aceito o FMI, não aceito esse tipo de jogo econômico". Deve estar preparado para aceitar as sanções que virão, e reorganizar o País, apesar delas. Isso é perfeitamente possível. O País tem todos os recursos para um processo de crescimento equilibrado, de desenvolvimento cultural, social e político da sua população.

BF - Há possibilidades para que isso aconteça hoje?

Sampaio - Eu acho que o governo renunciou esse caminho, não construiu as condições necessárias para esse passo. Agora, não é possível. Poderia ter dado vários passos que não implicariam rompimento, mas que seriam preparatórios. Por exemplo, não precisa aceitar esse superávit primário brutal. Tinha toda a força para chegar ao FMI e dizer que não aceitava essa orientação, que precisava usar parte dos recursos que recebe, não para pagar credores, mas para atender às necessidades básicas da população.

BF - O senhor foi um dos fundadores do PT. Como se sente nessa conjuntura?

Sampaio - Sinto-me mal, marginalizado, sem diálogo com a direção, com o governo. Eles até me convidaram para fazer o programa de reforma agrária. Aí eu também pude notar essa grande diferença de visões. Em todos os setores, o grande problema é não "cutucar o mercado com vara curta". Isso não é possível, e eu não me sinto representado por esse tipo de política.

BF - Qual sua opinião sobre o Plano Nacional de Reforma Agrária aprovado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário?

Sampaio - A meta do Plano Nacional de Reforma Agrária era assentar um milhão de famílias, e a do plano aprovado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário foi de 400 mil famílias, sendo que, dessas, 130 mil serão assentadas através de crédito fundiário. Os 130 mil assentados pelo crédito fundiário são exatamente um resíduo do chamado "novo mundo rural", do Banco da Terra. A reforma agrária a partir da desapropriação do latifúndio, que não cumpre com a sua função social, foi considerada, no governo anterior, uma proposta anacrônica. Em substituição a essa proposta, se fez essa reforma agrária de mercado. Se há uma meta de um milhão, 130 mil assentados por crédito fundiário é um programinha complementar. Se são 400 mil assentados, e 130 mil deles com crédito fundiário, significa quase um terço do orçamento.

BF - Como o senhor classifica esse plano?

Sampaio - Se quiser uma linguagem do Banco Central, eu diria que é um programa de assentamentos com viés de reforma agrária. Com a pressão das massas é possível chegar à reforma agrária

BF - Pode-se dizer que o governo aprovou apenas uma política compensatória?

Sampaio - Vai depender da execução. Certos princípios, apresentados pela equipe que elaborou o plano, foram adotados pelo Ministério e fazem parte das diretrizes políticas, tais como a forma de fazer um assentamento, a forma de entregar a terra. Ao que sei, isso foi incorporado. O que houve foi a diminuição da meta por causa de recursos e, a meu ver, isso foi equivocado, porque a diferença não é quantitativa, mas sim qualitativa. A quantidade vira qualidade. Quando há a meta de um milhão de famílias, há a quantidade que pesa, e esse foi o grande corte. O que o Ministério não vai ter é o apoio dos fatos, das alterações objetivas, para fazer a reforma agrária. Teria uma pressão de massas enorme, uma quantidade muito grande de alimentos produzidos, mudança de comercialização, sistema de crédito agrícola da sociedade. Provocaria mudanças progressivas. Isso que é uma reforma agrária: uma mudança estrutural para provocar uma mudança na economia, na sociedade e na política. A reforma agrária visa a fortalecer a base camponesa e dar para ela poder econômico, social e político, sem o qual não se muda esse modelo político agrícola, que é ruim. Temos que mudar esse modelo agrícola, e fazer uma agricultura que alimente sua população autonomamente, e aumente a renda do agricultor.

BF - O senhor acha que será possível mudar a concentração fundiária no Brasil?

Sampaio - A meta de 400 mil não causa muito impacto. O problema da meta é que é preciso provocar um desequilíbrio virtuoso na economia agrária. Atualmente ela está equilibrada, mas é um equilíbrio perverso, que gera pobreza, miséria e dependência. Se há um volume grande de desapropriações, temos um trabalhador rural - para quem hoje o mercado e os vendedores não dão bola - que passa a ser um grande comprador. Os intermediários que comercializam, passariam a ter interesse nos trabalhadores, porque a safra começa a aumentar.

BF - Hoje existem condições reais e objetivas para a pressão popular?

Sampaio - Objetivamente, temos visto que não há muita condição de mobilização popular, a massa não está respondendo. E, por outro lado, há grandes sinais de insatisfação. Objetivamente, há condições, a população está desempregada ou com salários baixíssimos. Em São Paulo, por exemplo, o centro do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, um bóia-fria ganha R\$12,50 por dia, uma situação de pobreza absoluta. Ele tem objetivamente condições de reclamar e pressionar. Mas falta a esse homem perceber que ele não foge desse salário diário se não lutar contra o sistema. Essa é a luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que cria essa consciência. Essa é a luta da Comissão Pastoral da Terra (CPT), das igrejas, das forças populares. E essa deveria ser a força prioritária do PT.

BF - Houve uma apatia dos movimentos no último ano?

Sampaio - Acho que houve uma grande expectativa com o novo governo que provocou a desmobilização. É perfeitamente explicável, justificável e até salutar. A mentalidade era: "Entrou governo meu, então vou esperar, não tenho por que enfrentar o latifúndio, o jagunço, se o governo está comigo". Mas também houve mobilização, porque 200 mil famílias foram para a beira da estrada, de forma tranqüila.

BF - O senhor dizia que esse era um governo "em disputa". Ainda é?

Sampaio - Eu sou da teoria de que a esperança é a última que morre. Eu estou lutando.

BF - E a questão da ética no governo?

Sampaio - Nós estamos numa encruzilhada. Eu vejo o PT perplexo, os petistas históricos estão desanimados, não estão entendendo nada. Eu percebo uma grande desorientação, uma grande desorganização.

BF - A saída é a criação de um novo partido?

Sampaio - Eu acho prematuro discutir essas coisas. Sabe, quando chove muito e você sabe que vem lama no rio, mas não vê? Então, é preciso esperar a lama baixar para ver o que tem. Eu acho que esse momento não é de grandes decisões, mas de reflexão. Está na hora de repensar tudo, mas vamos deixar para tomar posições, quando as coisas estiverem mais claras.

Entrevista da Semana

O CAOS ORGANIZADOR

*Reproduzimos a entrevista de Gilles Lipovetsky, filósofo francês, concedida a Marcos Flamínio Peres e publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 14-3-04.*

*Já se disse várias vezes que a pós-modernidade morreu, mas ninguém até agora havia afirmado de forma tão cabal que ela nem sequer existira. É justamente o que defende o filósofo Gilles Lipovetsky em seu novo livro, **Les Temps Hypermodernes** [Os Tempos Hipermodernos] Paris: Grasset, 2004.*

Lipovetsky, 59, argumenta que, desde os anos 1950, o mundo vive uma intensificação jamais vista do tripé que sempre caracterizou a modernidade: o mercado, o indivíduo e a escalada técnico-científica. A partir dos anos 80, com o avanço brutal da globalização e das novas tecnologias de comunicação, esse fenômeno -que ele batizou de hipermodernidade- adquire uma velocidade espantosa, passando a interferir diretamente sobre comportamentos e modos de vida.

*Na entrevista a seguir, Lipovetsky comenta também o livro **Metamorfoses da Cultura Liberal**. Porto Alegre: Sulina, 2004. G. Lipovetsky é autor dos seguintes livros traduzidos para o português: **A Terceira Mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; e **O Império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.*

A pós-modernidade foi apenas um sonho de uma noite de verão?

Eu fui um dos que popularizaram, logo após [Jean-François] Lyotard [1924-98], a noção de pós-modernidade. Ela correspondia a algo próximo do "vivido", porque se distanciava dos grandes discursos revolucionários, a política se tornava menos importante, a idéia de que viver, com vista no futuro resultava em benefício para o tempo presente. Mas a conceitualização, a idéia de pós-modernidade - isto é, de algo que vem após a modernidade -, evidentemente não tem nenhum sentido, isso não foi exatamente um sonho, como você diz, mas um "conceito falso", porque nós nunca estivemos "além" da modernidade. Houve, isso sim, uma outra modernidade. O que se coloca em seu lugar a partir dos anos 1950, 1960 não foi um "após" a modernidade, mas, sim, uma nova forma de modernidade, que já era o início da hipermodernidade. Assim, há apenas a modernidade, que se inicia, grosso modo, no século XVIII e se estende até anos 1950, 1960, quando a hipermodernidade ainda começava, intensificando-se de forma brutal nos anos 1980, por causa da globalização, do ultraliberalismo, das novas tecnologias de comunicação - a internet sobretudo. Na verdade, nunca fomos pós-modernos, mas apenas modernos, com tudo o que isso implica - totalitário, revolucionário, republicano, laico.

A pós-modernidade foi então uma espécie de transição?

Sim, uma transição cultural, mas que não chegou a ser fundada conceitualmente, pois a idéia que se tinha de que se havia chegado ao fim da modernidade era uma idéia falsa. A

modernidade se pôs em curso há muito tempo, e desde o século 16 já há sinais de seu advento. Mas é a partir do século XVIII que se configuram os elementos constitutivos principais da modernidade, que são essencialmente três. O primeiro é o indivíduo, isto é, uma sociedade que reconhece os direitos do homem, com seu correlato, que é a democracia. O segundo elemento é o mercado: Adam Smith, a "mão invisível", já no século 18. E o terceiro elemento é a dinâmica tecnocientífica. Esses três elementos constitutivos da modernidade nunca chegaram a ser destruídos - apenas contestados ou desenvolvidos. Ora, o que podemos observar hoje é a concentração e a radicalização dessas três lógicas.

Sua intensificação?

Exatamente, como a clonagem, a biotecnologia, a conquista do espaço, que transmite um sentimento de exacerbação, de intensificação da lógica tecnocientífica, que não tem limites. Ao lado disso, há também a consolidação dos princípios da modernidade, isto é, os direitos do homem. E, em terceiro lugar, o domínio do mercado em escala mundial, e, ainda que ele tenha inimigos, como os movimentos antiglobalização que se reúnem em torno do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, o problema é que eles não oferecem nenhum modelo alternativo. É preciso regular a globalização, mas a questão é que não há nenhum outro modelo, e é nesse sentido que podemos falar de hipermodernidade - trata-se, pois, de uma modernidade que não tem verdadeiramente nenhum modelo concorrente.

É nesse sentido que o senhor fala em seu livro de uma "cultura do excesso"?

A hipermodernidade é uma cultura paradoxal, que combina o excesso e a moderação. Excesso, porque a lógica hipermoderna não tem mais inimigos e tudo é mais rápido - não basta ser moderno, é preciso ser mais moderno que o moderno, é preciso ser mais jovem que o jovem, é preciso estar mais na moda que a própria moda... Tudo se torna "hiper": hipermercado, hiperclasse, hipercapitalismo, hiperpotência, hiperterrorismo, hipertexto...

... hiperpornografia...

Sim, ou hiperurbanismo - a cidade de São Paulo, por exemplo. Há um sentimento de excrescência, de ultrapassagem dos limites, em que as coisas caminham cada vez mais rapidamente porque os limites da tradição - Estado, religião - se perderam. Mas, ao mesmo tempo, a sociedade hipermoderna valoriza princípios como a saúde, a prevenção, o equilíbrio, o retorno da moral ou de religiões orientais. Logo, existem comportamentos inteiramente excessivos, como a pornografia, em que absolutamente tudo é permitido, embora, ao mesmo tempo, a vida sexual seja muito moderada. Quando se observam as estatísticas sobre a vida sexual da população, ela não é de modo algum orgiaca ou permissiva - ao contrário, o número de parceiros que os indivíduos têm é, em termos relativos, bastante limitado. Há naturalmente formas alternativas, mas são muito, muito limitadas - a população é basicamente conservadora em matéria sexual. Um segundo exemplo: de um lado, há um gasto excessivo com saúde. Não sei quanto ao Brasil, onde há um grande custo social, mas, se você considerar a América do Norte ou a Europa Ocidental, há um crescimento exponencial e ilimitado de despesas - as pessoas cada vez mais vão ao médico, realizam exames médicos, gastam cada vez mais com remédios, numa verdadeira espiral. Ao mesmo tempo, é preciso estar atento ao que se come - preferem-se hoje os produtos orgânicos -, as pessoas fazem ginástica para não engordar, bebem água mineral, ingere-se menos álcool, há uma verdadeira cruzada contra o tabaco e as drogas. Logo, se, de um lado há o excesso, de outro há a recomposição de uma certa ordem no comportamento, e é por isso que chamo a hipermodernidade de "caos organizador", uma "desordem organizada".

E por que isso ocorre?

Acredito que é porque existem normas contraditórias. De um lado, a hipermodernidade é a destruição de limites - é preciso ir sempre mais longe, conquistar sem cessar novos territórios, a ciência persegue a inovação a todo custo, as mídias se tornam cada vez mais radicais porque é preciso conquistar audiência -, mas ao mesmo tempo existem normas - como o respeito aos direitos do homem, os valores éticos, a saúde, o amor- que não deixaram de existir e que continuam a orientar o comportamento de grupos e indivíduos. O apaixonante da hipermodernidade é que se trata dessa combinação um pouco contraditória entre normas ilimitadas completamente loucas e uma recomposição de princípios que vêm de muito longe.

Os "adultescentes" também são um sintoma desse excesso hipermoderno?

Sim, a chamada síndrome de Peter Pan, os adultos que não querem envelhecer, é também uma forma de excesso. Pode-se muito facilmente se divertir com esse comportamento e denunciar uma infantilização da população, mas de forma alguma estou seguro disso, não vejo a questão dessa forma.

O sr. é mais otimista?

É verdade, e isso hoje é um defeito [risos]. Mas trata-se simplesmente de considerar que as coisas não são completamente negativas. As mesmas pessoas que se comportam como crianças adultas ou adultos crianças são pessoas que também podem ser responsáveis. Trata-se talvez de uma forma de hedonismo, mas não de pessoas que, necessariamente, não têm nenhum senso de responsabilidade.

Um hedonismo hipermoderno?

Sim, um hedonismo que significa que não se precisa renunciar a prazeres do tempo da infância, um hedonismo que talvez seja a expressão de uma sociedade que se torna cada vez mais difícil...

Mas que, contudo, não está à beira do precipício, como diriam os marxistas ortodoxos?

Não, sou mais otimista. Acredito que haja dificuldades, mas desconfio bastante das visões apocalípticas da sociedade, pois desde Marx se anuncia que o capitalismo está à beira do precipício. Em seguida o trotskismo desenvolveu essa tese da crise insuperável do capitalismo. E isso não é exato porque o capitalismo é um sistema flexível, que sabe se adaptar. Há crises, sem dúvida, pois o capitalismo só caminha com crises, elas são inerentes ao seu funcionamento, mas sua força está em que ele, de certa maneira, aceita sua contestação e, portanto, é capaz de se corrigir.

Vivemos hoje em uma sociedade esquizofrênica, em que, como o senhor diz em seu livro, "no universo funcional da técnica crescem os comportamentos disfuncionais"?

Sim, uma sociedade esquizofrênica em que convive uma sociedade hiperfuncional, funcionalidade da técnica, da ciência, que trabalha cada vez mais critérios mensuráveis, de eficácia e operacionalidade. Paralelamente, assiste-se à ascensão de comportamentos disfuncionais, e os dois existem juntos. A disfuncionalidade é uma forma de patologia, é uma patologia que cresce na sociedade - vê-se o retorno de crenças esotéricas, arcaicas, a prática e o estudo da magia retorna às universidades, tem-se uma espiral muito importante de ansiedade, de depressão, de todas as formas de criminalidade, como os crimes em série.

Logo, tem-se de um lado uma sociedade em que cada vez mais impera a ordem e, de outro, a desordem - no fundo, um quadro de patologia e caos.

Essa disfuncionalidade é um contrapeso ou uma conseqüência da tecnociência?

Uma conseqüência, mas certamente não uma conseqüência direta da tecnociência, mas, sim, da hiperindividualização. Pois as sociedades anteriores eram sociedades de tradição, em que os indivíduos eram enquadrados, ora pela família, ora pela região, ora pela igreja - por todo um dispositivo que dava força aos indivíduos. Já a sociedade de mercado, juntamente com a liberação dos costumes, fez tudo isso em pedaços, e o indivíduo se encontra subitamente só, não tem mais nenhuma força exterior a ele. Isso Durkheim já havia analisado no século 19 [em **O Suicídio**, ed. Martins Fontes], quando explicou o aumento das taxas de suicídio - e não por causa da técnica, mas porque os indivíduos estavam perdidos e não dispunham mais de nenhuma socialização forte. Dito de outra maneira, o grande problema da hipermodernidade não é tanto a disfuncionalidade, mas a fragilização dos indivíduos -suicídio, ansiedade, depressão, medo dos desastres ecológicos, medo dos pais, medo da Aids, medo de envelhecer, medo do desemprego, do futuro. A modernidade tinha confiança no futuro, havia a idéia de progresso incessante; agora temos a dúvida, não confiamos mais no progresso automático em direção ao melhor. Uma sociedade complexa e paradoxal porque se, de um lado, se estimula o prazer - o hedonismo, o consumo, as férias, a moda -, de outro, é uma sociedade que produz muita ansiedade e psicopatologias.

O que irá substituir o espírito de tradição - a igreja, a nação, os partidos revolucionários - como contrapeso para o indivíduo?

Não estou certo de que iremos encontrar algum contrapeso. A religião, por exemplo, sofreu uma individualização. Assim como no Brasil, onde o sentimento religioso se recompõe, se reconstitui, nos EUA, que são uma hiperpotência, o sentimento religioso é muito ativo, mas em ambos não funciona mais como antigamente. Então, não creio que haja equivalentes da tradição como era entendida.

O senhor vê então uma espécie de interiorização das antigas formas de coesão social?

Sim, um pouco, mas ao mesmo tempo se trata de uma sociedade que consagra o indivíduo. Isso, porém, não quer dizer que as formas coletivas desapareceram, mas que são reguladas tendo em vista o indivíduo, sua liberdade, suas escolhas, seus gostos. Não acredito que o futuro esteja se voltando para o passado. O mundo da tradição morreu, e vivemos em uma sociedade de projetos, e o drama maior dessa sociedade é justamente que para muitas pessoas simplesmente não há projetos - é a pobreza, a miséria, a exclusão. O objetivo maior da sociedade hipermoderna deve ser o de fornecer instrumentos para que essas pessoas tenham algum futuro - mas esse é um desafio enorme para o século XXI.

Retomar a tradição é justamente o que propõe o crítico Terry Eagleton em seu livro "After Theory" [Depois da Teoria, lançado no fim de 2003 na Inglaterra], em que decreta o fim do pós-modernismo.

Não o li, mas acho que isso é uma ilusão, a história não recomeça. A nossa realidade é o respeito aos indivíduos. Talvez não seja muito, mas isso significa que não estamos em um universo inteiramente sem rumo ou privado de todas as referências.

Mas em um país como o Brasil, de desigualdade social flagrante, por vezes soa um pouco retórico falar de respeito ao indivíduo...

Certamente, mas se trata de um ideal do qual se deve se aproximar. Sei que a vida nas favelas está longe disso, mas, se não houvesse os direitos do homem, não haveria meio algum de criticar a realidade.

O que virá após a hipermodernidade?

Bem, ela não tem nem sequer 50 anos. Mas, por exemplo, quando [Francis] Fukuyama fala do fim da história, acho que ele não está correto, porque a democracia não é apenas uma forma política, mas também um estado social, com classes, modos de vida, educação, e isso nós simplesmente inventamos. Portanto ainda não é possível saber o que será a hipermodernidade em 20 ou 50 anos - será preciso inventá-la. Há tendências - a dinâmica tecnocientífica irá continuar, a democracia provavelmente deverá se perpetuar, assim como o mercado. Mas, mesmo que o mercado e democracia venham a ser provavelmente o futuro, nós não sabemos que democracia será, que mercado será. Pois a democracia tem uma história, ela não foi sempre a mesma -ela é o modo como se educam as crianças, que escola se construirá, como se irão reduzir as desigualdades, e tudo está em aberto. Não estamos mais em uma época em que seja possível determinar as leis da história. A história não está escrita nas coisas, ela se inventa.

De que trata *Metamorfoses da Cultura Liberal*, que está sendo lançado no Brasil?

É uma coletânea de três conferências que dei no Canadá. Uma sobre o estado da moral na nossa sociedade, uma sobre o sentido das metamorfoses da cultura liberal, discutindo a tese de que a economia não precisa da moral. Hoje, há uma nova regulação do mundo liberal que integra as exigências éticas, não de modo puro, mas inteligente, de modo a melhor captar o mercado e assim se impor à concorrência. Procuo mostrar o que há de aceitável e inaceitável nessa instrumentalização da moral.

O terceiro estudo questiona a onipotência das mídias. Minha resposta é um pouco contrastada: de fato as mídias vêm seu poder crescer cada vez mais, mas ele tem limites.

E quais são eles?

Por exemplo, no caso Clinton/Lewinsky, em que, apesar da campanha incessante contra o presidente realizada pela TV e pela imprensa ao longo de vários meses - pedindo sua destituição -, a opinião pública americana não mudou.

Então qual é exatamente o papel da mídia hoje?

Ainda é considerável, pois, como a tradição não tem mais a força de antigamente, é na mídia que as informações, os dados da sociedade são veiculados. Pode-se analisar a mídia como algo que vem condicionar as pessoas, mas pode-se também dizer que ela contribui para uma maior reflexividade.

Então as mídias ocupam o vazio deixado pela crise de legitimidade da sociedade hipermoderna?

Sim, mas de uma maneira inteiramente diferente, porque a tradição não se discute, ela não permite o questionamento: a tradição é a repetição, enquanto a mídia, em tese, retransmite uma informação para fazer mudar.

Memória

DÉCIO FREITAS

O jornalista, advogado e historiador Décio Freitas morreu na passada terça-feira, dia 9 de março de 2004, em Porto Alegre, aos 82 anos, de enfisema pulmonar. Freitas comprovou a existência do herói Zumbi no livro **Palmares - A Guerra dos Escravos**, escrita no Uruguai com subsídios recolhidos de duas viagens clandestinas ao Brasil e publicado em 1971. A obra fez o Brasil rediscutir o legado da escravidão. O Movimento Negro do Rio Grande do Sul o classificava como "o pai da nossa história". O autor voltaria ao tema em **Insurreições Escravas** (1975), **Escravos e Senhores de Escravos** (1977), **O Escravismo Brasileiro** (1980) e **Escravidão de Índios e Negros no Brasil** (1980). O historiador concedeu entrevista a **IHU On-Line** no dia 16/6/2003, na edição número 64, falando sobre sua amizade com Raimundo Faoro.

Publicamos, a seguir, dois artigos sobre a vida e importância do historiador gaúcho. O primeiro é de Gunter Axt⁽⁸⁾, mestre em História pela UFRGS e doutor em História pela USP. Atualmente é professor e pesquisador do Memorial do Judiciário e do Memorial do MPRS/RS. O professor Gunter apresentou o **IHU Idéias** de 9 de outubro de 2003 que teve como tema "Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RGS". Ele concedeu uma entrevista sobre o tema no **IHU On-Line** n.º 78, de 6 de outubro de 2003. O segundo artigo é de autoria de Ieda Gutfriend, professora na Unisinos, coordenadora do projeto *Historiografia sul-rio-grandense contemporânea: Décio Freitas, um historiador do seu tempo*. Ieda Gutfriend é mestre em História pela PUCRS e doutora em História Social pela USP. Ambos os artigos foram pedidos pelo **IHU On-Line** aos autores após tomar conhecimento da morte de Décio Freitas.

DÉCIO É PATRIMÔNIO DO RIO GRANDE

Por Gunter Axt

O ar denso daqueles dias de novembro cedia ao frescor da brisa de fim de tarde, que soprava gostosa por entre os jacarandás floridos da Praça da Alfândega. Caminhava eu com o amigo Ricardo Seelig, procurador de justiça, quando encontramos Décio Freitas, também perambulando pelas bancas da Feira do Livro. Creio que lhe encantou a possibilidade de uma boa conversa não programada com um historiador e um membro do Ministério Público. Acomodados em um dos banquinhos da Praça, conversamos sobre a Revolução de 1893, sobre Júlio de Castilhos e sobre a "invenção da ditadura" no Brasil.

Creio que foi do Ricardo a idéia de irmos ao restaurante do Margs, petiscar alguma coisa, pois já caíra a noite. Sentados à mesa, Décio falou-nos apaixonadamente da sua atividade no Ministério Público Federal e narrou-nos a sua cassação pelo regime militar e a vida no exílio. Conversamos sobre a evolução da instituição ministerial e de como ela havia se convertido, após a Constituição de 1988, em guardiã da cidadania e em um dos esteios fundamentais da democracia. Debatesmos a obra de Raymundo Faoro e sua adesão ao movimento militar de 1964, em um primeiro momento, bem como, mais tarde, a sua dissensão com os golpistas. Depois, conversamos sobre o Imperador Dom Pedro II e sobre a margem de autonomia que o mesmo dispunha para intervir no campo político por meio do Poder Moderador. Concordamos que o Império era profundamente conservador e elitista, que a ação do Poder Moderador era ampliada pela necessidade que as elites políticas tinham de esquemas de mediação dos conflitos, mas era limitada pela inexistência de uma burocracia sólida no País e pela fraqueza infra-estrutural do estado. Décio e Ricardo comentaram o notável **Canhões de Agosto**, de Bárbara Tuchman, trocando idéias sobre a Primeira Guerra Mundial. Terminamos a conversa já

⁸ Está no prelo a palestra de Gunter Axt proferida no **IHU Idéias** de 9 de outubro de 2003. Ela será publicada no Cadernos **IHU Idéias** número 14, com previsão de distribuição a partir de 5 de abril.

noite avançada, com Décio nos falando animadamente de sua última pesquisa, sobre a Revolta da Cabanagem no Pará imperial.

Assim era Décio: apaixonado pela vida, pela democracia, pela história, pelos movimentos sociais, pela cultura, pelo Ministério Público. Sempre disponível para reunir os amigos em torno de uma boa conversa, junto à mesa de um restaurante, ou num banco da Praça. Sempre interessado em fazer novos amigos e em ouvir e conhecer as pessoas. Inteligência e erudição mesclavam-se à oralidade contagiante, que a todos envolvia.

Esta tônica pessoal não podia deixar de estar presente em sua obra. Como historiador, Décio foi certamente um polemista. Gostava de diluir as fronteiras entre a história e a literatura, entre a ciência e a arte. Achava que a história desempenhava um papel social muito relevante, de co-artífice de identidade culturais e na desconstrução crítica do discurso político dominante, para concordar com a sua circunscrição a uma linguagem hermética e distante do grande público. Desconcertava os historiadores ao propor tratamentos heterodoxos das fontes, que nem sempre respeitavam o formalismo exigido por este campo da construção do conhecimento. Tinha *insights* brilhantes e não se preocupava em agradar o discurso acadêmico consolidado. Por isso mesmo, inovou.

O seu primeiro livro, ***Palmares, a Guerrilha Negra***, publicado em 1971, começou a ser escrito durante o seu exílio, no Uruguai. Nessa obra, Décio chamou a atenção para o drama do regime escravista no Rio Grande do Sul e para a luta de resistência dos escravos. Sistematizou a história de Zumbi dos palmares. Para o Movimento Negro, que hoje se mobiliza pelo fortalecimento da cidadania da população de afro-descendentes, a obra de Décio tem o poder de ser quase um elemento fundante de uma nova consciência política e social.

Quando praticamente todos perpetuavam uma espécie de adoração louvaminheira a Júlio de Castilhos, Décio expôs a fúria persecutória deste personagem, desdobrou conceitualmente o seu autoritarismo conservador e ajudou a iluminar a sua obra política como uma importante matriz das fórmulas ditatoriais assumidas pelo estado brasileiro em momentos diferentes da sua trajetória histórica. Quando muitos historiadores sul-rio-grandenses estribavam-se na percepção de uma relação automática entre discurso e prática política, Décio chamou a atenção para a descontinuidade entre estes termos. Contudo, cético, irreverente, mecanicista e, sobretudo, livre, sugeriu, para espanto geral, que Castilhos carregava um desvio de personalidade, o qual seria resultado do trauma do célebre ditador em decorrência de possuir um membro sexual pequeno. Questionado sobre esta interpretação desconcertante, limitava-se a sorrir...

Militante da cultura, é ao trabalho de Décio Freitas que devemos, em grande parte, a desvinculação da Secretaria da Cultura da Secretaria de Educação, durante o Governo de Pedro Simon.

Décio foi assim. Gostava de desconstruir mitos e, ao fazê-lo, criava novos. Impactava de tal sorte o imaginário coletivo que desencadeava novas representações da memória e chegava a influir na organização de movimentos sociais. Do historiador, Décio tinha o cuidado com a memória e com a erudição. Do procurador da República, Décio trazia o arraigado compromisso com a justiça. Do jornalista, a intimidade com a comunicação ágil e desembaraçada com o grande público e a percepção para os grandes temas do momento. Do romancista, Décio tinha a liberdade do artista. Do político, Décio trazia o compromisso com o social e a crítica construtiva às instituições. Décio é patrimônio do Rio Grande.

UM HISTORIADOR DE SEU TEMPO

Por Ieda Gutfriend

A trajetória de vida de Décio Freitas é multifacetária, jornalista, advogado, exerceu cargos públicos, defendeu presos políticos, era presença constante na mídia, seguidamente convidado para proferir palestras nos mais distintos espaços, mas o Décio que destacamos é o historiador, embora tenhamos que nos remeter a outras situações de sua vida.

Ainda na Faculdade de Direito dirigiu *O Minuano* e uma revista cultural, *FELPA*, sigla da Federação dos Estudantes Libertários de Porto Alegre. Foi dirigente estadual do Partido Comunista e fundou, com Dyonélio Machado, o primeiro jornal diário do Partido, *A Tribuna Gaúcha*. Trabalhou na Editora Globo, junto à Revista de mesmo nome, daí foi para o **Correio do Povo** onde, com Mário Quintana, traduzia o serviço internacional. Já formado em Direito, começou a advogar, continuando com as atividades jornalísticas no **Diário de Notícias**, no qual, com pseudônimo, historia, em vários capítulos, sob a forma comum na época, o folhetim, um acontecimento canibalesco ocorrido na segunda metade do século XIX, em Porto Alegre, dando início a sua carreira de pesquisador.

Décio desligou-se do Partido Comunista em 1948, mas, segundo ele, passou o resto da vida com o estigma de comunista. Não mais militante, continuou marxista até o início dos anos oitenta. Seu livro, **O Capitalismo Pastoril** (Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980) é o canto de cisne da sua então orientação teórica. No final da década, em uma crônica dominical no jornal **Zero Hora**, sob o título, *A Miséria da História* (Zero Hora 24/04/1988) revela sua descrença e desalento em relação à perda de referenciais teóricos. Agora é o abandono do marxismo e a desconfiança da História em sua proposta de transformações sociais. No entanto, continuou publicando obras com conteúdo político, econômico-social e que demandaram pesquisas: **O Maior Crime da Terra** (Porto Alegre: Sulina, 1996), retomando os folhetins publicados no **Diário de Notícias** nos anos quarenta, foi um deles, utilizando o canibalismo como uma metáfora da sociedade atual e **O Homem que Inventou a Ditadura no Brasil** (4.^a edição, Porto Alegre: Sulina, 1999) sobre Júlio de Castilhos, dá continuidade às suas pesquisas sérias e minuciosas provocadas pela militância que sempre o guiou.

Até o final de sua vida, em uma coluna que, como que se tornou sua, seção Opinião, no jornal **Zero Hora**, aos domingos, brindava os leitores com notícias, discussões, levantava polêmicas que abarcavam um amplo espectro temático, atualidades gaúchas, brasileiras e mundiais.

Décio Freitas, em suas tarefas jornalísticas, deu início às atividades históricas que vão se sedimentar quando do seu exílio, em Montevidéu, de 1964 a 1972. Irmanando-se a outros exilados que, inicialmente, acreditaram na possibilidade de reverter a situação imposta pelo golpe militar de 1964, foi escalado para redigir parte de um manifesto que lançariam quando do contragolpe que planejavam. Para esta empresa precisavam do conhecimento histórico. Freitas literalmente mergulhou em bibliotecas e arquivos históricos; se as propostas de reação ao golpe fracassaram, a História do Brasil foi vencedora, com a sociedade brasileira tomando conhecimento do seu passado, no qual o peso da escravidão se faz sentir até os dias de hoje - reflexões estas que estão presentes na extensa bibliografia de Décio Freitas, tais como **Palmares - A guerra dos escravos** (5.^a edição, Mercado Aberto 1984), **Escravidão de índios e negros no Brasil** (Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes), entre vários outros.

1964 – 40 ANOS DO GOLPE – 2004

Fazendo memória dos 40 anos do golpe militar de 1964, o IHU On-Line dedica, neste e no próximo mês, uma atenção especial para este triste aniversário. Outros eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos se

inserir nesta memória: o **Humanitas Arte**, em abril (confira o sítio www.ihu.unisinos.br), um **IHU Idéias** do mês de abril e a participação do IHU num evento maior a ser realizado em Porto Alegre, no mês de outubro. Neste número reproduzimos o material publicado pela **Folha de S. Paulo**, 13-3-04.

O DIA EM QUE JANGO COMEÇOU A CAIR

Por Sérgio D'Ávila, jornalista

Naquela noite, Maria Teresa escolheu um vestido azul-piscina e optou por prender os cabelos negros no alto da cabeça. Quando subiu ao pequeno palanque de 1,60 m de altura postado na praça da República, em frente à Central do Brasil, no Rio de Janeiro, fez-se silêncio entre os 100 mil presentes. Eram 19h44min, de 13 de março de 1964. Ela ainda não sabia, mas, aos 24 anos, a primeira-dama mais bonita que o País já teve participava do primeiro e último comício ao lado do marido, João Belchior Marques Goulart, 20 anos mais velho. Dezoito dias depois daquela noite, o presidente João Goulart, o Jango, seria apeado do poder por um golpe de generais que daria início à ditadura militar que viveu até 1985. Segundo alguns historiadores, o golpe viria de qualquer maneira, mas o que ficou conhecido como Comício da Central do Brasil o precipitou. Para outros, a concentração daquele dia serviu apenas para provocar os conspiradores e assim uni-los mais em torno do mesmo objetivo, derrubar Jango. Em discurso de 65 minutos, João Goulart anunciou que havia assinado decreto que encampava todas as refinarias particulares de petróleo e outro que desapropriava e destinava à reforma agrária terras em torno de ferrovias e rodovias federais e pedia reforma urgente da Constituição, "acima da qual está o povo".

Na mesma noite, o então deputado federal (PTB) e ex-governador gaúcho, Leonel Brizola, sugeriu, como "única solução" pacífica, o fechamento do Congresso e a formação de uma assembléia constituinte, formada por "camponeses, operários, muitos sargentos e oficiais nacionalistas".

Quarenta anos depois, a Folha ouviu oradores e participantes do comício e analistas do período, que dão sua visão do que aconteceu naquela noite e de como ajudaria a mudar os rumos do País.

O clima político

O Brasil de março de 1964 era politicamente polarizado. Esquerdista, o Plano Trienal de Jango previa as chamadas reformas de base nos setores agrário, bancário, fiscal, educacional e eleitoral e desagradava aos setores mais conservadores, militares à frente. "Com exceção da Revolução de 30, foi o momento de maior tensão da história do Brasil no século XX", afirma o historiador Marco Antonio Villa, da Universidade Federal de São Carlos. Tensão essa emanada principalmente da relação entre Jango e os militares.

O período de João Goulart na Presidência começou com a renúncia de Jânio Quadros em 1961, mas os atritos vinham de 1954, quando fora ministro do Trabalho de Getúlio Vargas e tivera de deixar o cargo após manifesto de coronéis, os mesmos que, dez anos depois, já eram generais.

Eleito vice de Juscelino Kubitschek (1955-1961), foi reeleito para ser o segundo de Jânio Quadros, que renunciou depois de sete meses. A tentativa de parte do Exército de impedir a posse de Jango foi sufocada pela solução híbrida do parlamentarismo, que um plebiscito derrubaria em 1963.

Chega 1964. "Então, Jango virava ora à esquerda, ora à direita, o que lhe deu o apelido de ônibus elétrico", resume o brasilianista Thomas Skidmore. "Havia golpistas dos dois lados, ele

poderia se inclinar por um lado e fechar com os militares ou por outro e fechar com os comunistas."

Segundo o autor de *Brasil - De Getúlio a Castelo*, o Comício da Central do Brasil mostra ao País a opção de seu presidente. "Esse comício o define", afirma. "Isso é indicado nos decretos, que são ilegais, porque mudam a Constituição, e insinuem que ele pretendia reformar sem o Congresso, mas com o apoio da esquerda."

Nem todo o governo era favorável ao comício. Alguns o encaravam como uma provocação desnecessária e de conseqüências potencialmente perigosas. Era o caso de João Pinheiro Neto, então presidente da Supra, a Superintendência da Reforma Agrária. No dia 11 de março, antevéspera do evento, reuniu-se com o presidente no apartamento que Jango mantinha no prédio ao lado do Copacabana Palace. Estavam também Darcy Ribeiro, chefe da Casa Civil, e Gilberto Crockett de Sá, assessor sindical de Jango.

Pinheiro Neto, que depois escreveu três livros sobre o período, aproveitou o momento em que o presidente se afastou do grupo, seguiu-o e disparou: "Por que o senhor não cancela o comício e assina os decretos em solenidade no Alvorada? É mais seguro". Ouviu como resposta: "Tu tens razão". "O Jango tinha uma qualidade excepcional", lembra hoje Pinheiro Neto, aos 74 anos. "Concordava com tudo o que as pessoas diziam a ele." No dia seguinte, o jornal "Última Hora", janguista, trazia estampado na manchete: "Todos ao comício de Jango na Central do Brasil".

O comício

O evento começou às 17h com o nome oficial de Comício Pró-Reformas de Base. Segundo os planos de João Goulart, seria o primeiro de uma série que culminaria com uma concentração de 1 milhão de trabalhadores no dia 1º de maio, em São Paulo.

A localização do evento era estratégica. Primeiro, porque os trens da Central poderiam despejar milhares de pessoas na praça em poucas horas. Ainda mais com as passagens gratuitas, como determinou o governo federal que elas fossem naquele dia 13, pois de trem acorreram manifestantes de diversas regiões do País. Só de São Paulo saíram pelo menos duas composições, uma batizada de Vanguarda e outra de Reforma, com 2.200 trabalhadores. Num dos trens vinham Fernando Henrique Cardoso e seus colegas, intelectuais da USP.

Segundo, porque pegava a ala lateral do Ministério da Guerra, o que deu margem à interpretação do "recado" aos militares. Ainda assim, o palanque, apertado e ao lado de um *outdoor* da Gordura de Coco Carioca, contou com a presença dos três ministros militares do governo Jango.

Além disso, a segurança do evento foi feita por 2.500 soldados da polícia do Exército e da Aeronáutica, muitos a bordo de veículos militares e tanques, no que foi definido pelo Jornal do Brasil como "a maior força bélica em atos desta natureza".

O primeiro dos 15 oradores foi José Lélis da Costa, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Guanabara. Logo veio José Serra, aos 21 anos presidente da UNE. Falou por oito minutos, a maior parte dos quais registrada em filme. "Lembro-me de ter sido carregado até as proximidades do palanque e de ter percebido que quem fazia toda a segurança era o Exército, o que achei esquisito", diz Serra. Não estava claro se ao futuro senador seria dado o direito de falar, devido ao discurso duro que havia feito na frente de Jango e dos ministros militares no ano anterior, no comício de 23 de agosto.

Ao ser apresentado no palanque, Serra foi aplaudido e instado a discursar. Hoje, avalia o comício em dois aspectos: "Por um lado, mostrou que havia uma capacidade de mobilização popular; por outro, deu às forças que promoveriam o golpe a sensação de risco em progressão geométrica, o que não era verdade, pois o risco era de progressão aritmética, ou seja, menor".

Mas o orador mais polêmico e que causou maior comoção foi mesmo Leonel Brizola. Enquanto fazia sua crítica ao Congresso e sugeria a formação de um outro, era incentivado aos gritos de "Fecha!", "Fecha!". Por algum motivo, as palavras daquele dia não ficaram na memória do ex-governador: "Com toda a franqueza, não me recordo do texto; não confirmo nem nego". Mas lembra um detalhe importante: "Vim de Porto Alegre para o Rio naquele dia especialmente para o evento, apesar de não ter sido convidado". Mesmo assim, chegou ao palanque. "Fui entrando e, em seguida, pedi para falar. Não puderam me negar o microfone, e nem preciso dizer que a receptividade foi calorosa."

A praça estava tomada, mas o número exato de participantes é objeto de disputa. Vai de 100 mil a 200 mil, dependendo da fonte da época. Chamava a atenção também a bela figura de Maria Teresa Goulart no palanque. "A presença de Jango com ela foi entendida como um recado ao País de que ele estava tomando o comando", diz Skidmore, no Rio naquele dia, que assistiu ao comício pela TV.

Terminada a noite às 21h15min, João Goulart passou mal e deixou a praça em direção ao Palácio das Laranjeiras no assento de trás do carro oficial, deitado com a cabeça no colo da primeira-dama, a quem chamava de Teca, que lhe acariciava os cabelos - antes ela declarara, para a delícia dos jornalistas presentes, ter achado "maravilhoso" o comício.

No dia seguinte, a reação dos jornais cariocas variou de acordo com o matiz ideológico. "Concentração servirá de senda para invasão de terras", berrava a **Tribuna da Imprensa**, de Carlos Lacerda, inimigo político de Jango, que, governador da Guanabara, tentou boicotar o evento, dando folga opcional aos funcionários públicos.

A face mais evidente da reação, porém, viria seis dias depois. Apoiadas pela UDN, pelos governadores Adhemar de Barros (SP) e Carlos Lacerda e outras lideranças conservadoras, organizações católicas levaram 500 mil pessoas às ruas de São Paulo -10% da população da cidade à época -, em sua maioria de classe média.

Era a Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade, importante por mostrar aos militares que conspiravam que também eles tinham potencial apoio popular.

Seria o próximo lance do xadrez político que levaria ao golpe do dia 31 de março de 1964.

PRESIDENTE QUIS FORÇAR REFORMA, DIZ HISTORIADOR

*Reproduzimos da **Folha de S. Paulo** uma entrevista com Marco Antonio Villa, autor de perfil inédito de Jango, que vê mitologia em torno de eventos ocorridos no Comício da Central do Brasil. Villa é historiador e professor da Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo.*

O Comício da Central do Brasil, que completa 40 anos hoje, foi o instrumento encontrado pelo presidente João Goulart para forçar o Congresso a aprovar suas reformas. Há toda uma lenda de que o Congresso era contra as reformas, mas o fato é que, até o dia do comício, Jango não tinha enviado nenhuma delas.

As afirmações são do historiador Marco Antonio Villa, 48, professor da Universidade Federal de São Carlos e autor de **Jango - Um Perfil**, biografia a ser lançada até o final do mês pela editora Globo, e de **Vida e Morte no Sertão - História das Secas no Nordeste nos séculos 19 e 20**, entre outros. A entrevista foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 13-3-04.

Folha - Em sua opinião, o Comício da Central precipitou o golpe?

Marco Antonio Villa - Criou-se uma mitologia sobre o comício, como se ele tivesse sido o elemento que levasse à queda de Jango. Não é verdade. Foi organizado como meio de o governo pressionar o Congresso a aprovar uma série de reformas, as quais o próprio governo

ainda não havia enviado. Tanto que no dia seguinte, um sábado, não aconteceu absolutamente nada. Jango assina o decreto do congelamento de aluguéis e vai para Brasília, onde, no domingo, Darcy Ribeiro, então chefe da Casa Civil, leva a mensagem presidencial ao Congresso, que iniciava o ano legislativo. Ainda houve uma recepção no Palácio do Planalto naquela noite, em que Jango se encontra com Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara e na prática o vice-presidente, e Auro Moura Andrade, do Senado. O governo considerava a situação tão tranqüila que o ministro da Guerra, general Jair Dantas Ribeiro, anuncia viagem de duas semanas para os EUA. Há outra lenda, de que o Congresso era contra as reformas, mas os deputados e os senadores só souberam do desejo e do teor das reformas por meio daquela mensagem presidencial lida no dia 15, portanto dois dias depois.

Folha - Mas o discurso de Jango não foi considerado incendiário?

Villa - Não, em termos políticos é absolutamente idêntico a uma série de discursos que ele vinha fazendo no mês de março, em visitas a universidades e guarnições militares. O radical naquela noite foi Leonel Brizola. Ali sim você tem alguém que quer fechar o Congresso Nacional.

Folha - E a presença ostensiva do Exército no ato?

Villa - Primeiro, servia para mostrar o suposto apoio militar a Jango, reforçado pelo comparecimento dos três ministros militares no palanque. Segundo, naquela época não se dissociava muito o prestígio político das armas, político forte era o que tivesse votos mas também o apoio militar.

Folha - E a ameaça do golpe, já estava no ar?

Villa - Vários grupos lutam pela hegemonia política naquele período. De um lado a direita, contra qualquer tipo de reforma. Do outro lado, os brizolistas e os comunistas, aliados a Jango, mas todos com projeto próprio. Se você consultar o jornal "Panfleto" do começo de 1964, verá que o próprio Brizola dizia considerar Jango um indeciso. O Partidão era um aliado do presidente, mas havia também pequenos agrupamentos de extrema-esquerda, como o PC do B, criado dois anos antes, e a Polop. O que une ambos os lados é que todos querem chegar ao poder por golpe, seja os militares, seja Brizola e mesmo Jango, no caso para continuar no poder. Tanto é assim que o golpe veio.

Folha - Em sua opinião, não havia outro desfecho possível?

Villa - Sim, se Jango tivesse buscado a hegemonia no Congresso. Era possível chegar a um acordo que viabilizasse por exemplo a reforma agrária. A proposta de Jango teria aprovação de parte do PSD e da chamada bossa nova da UDN. Houve uma pessoa naquele mês que lutou muito por uma solução negociada, uma pessoa-chave, San Tiago Dantas, deputado federal pelo PTB de Minas Gerais e ex-ministro (duas vezes) de Jango. Ele tenta buscar uma solução para o impasse com uma proposta reformista, um conjunto de projetos que tivessem viabilidade de ser aprovados pelo Congresso. Mas não é bem-sucedido. Ele era a prova de que era possível uma solução democrática, mas em 1964 a democracia tinha muitos inimigos.

Deu nos Jornais

O 'paulocentrismo' une PT e PSDB

Tereza Cruvinel, na sua coluna publicada no jornal **O Globo**, 9-3-04, trata do 'paulocentrismo'. Segundo ela, "nisto também o governo do PT é contínuo e contíguo ao do PSDB. Inúmeros leitores se manifestaram por e-mail, criticando a histórica hegemonia de São Paulo nos governos republicanos e apontando a competição entre os petistas paulistas como um problema do governo Lula. A crise Waldomiro, em sua origem, não tem nada a ver com São Paulo. Mas ao enfrentar sua primeira grande adversidade no poder, o PT externou estes conflitos entre alguns de seus príncipes, como Mercadante, Dirceu, João Paulo, Palocci, Gushiken e Genoio".

Cristovam Buarque analisa o 'paulocentrismo'

Sempre segundo a coluna Panorama Política da jornalista Tereza Cruvinel, "evitando 'fulanizar' o problema do 'paulocentrismo'", sobre ele discorre o senador Cristovam Buarque (PT-DF): "Esta maneira de olhar o Brasil a partir de São Paulo manifesta-se também em nosso governo. Podemos compará-la, em versão interna, à unipolaridade que os EUA querem impor ao mundo. Trata-se de uma mentalidade, adotada também por não-paulistas, que influencia profundamente as políticas públicas. Neste momento, o PT pede crescimento, como se ele resolvesse a questão da pobreza. O crescimento é importante para gerar riqueza, e precisamos dele. Mas a pobreza só se resolve com políticas sociais agressivas e eficientes. O governo do PT é liderado por trabalhadores de São Paulo, em aliança com a elite paulista. O do PSDB era liderado pela elite paulista com apoio dos trabalhadores do estado. No mais, os dois partidos só não se juntaram ainda porque ambos têm a cabeça em São Paulo. Em ambos, as disputas entre seus líderes paulistas acabam sobrando para o Brasil".

O 'paulocentrismo' foi analisado por Gilberto Vasconcellos

O tema do 'paulocentrismo' já foi profundamente analisado pelo sociólogo Gilberto Vasconcellos no seu livro **O Príncipe da Moeda** (Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997, 264p.). Vale a pena retomar o livro e lê-lo à luz da atual conjuntura política.

Quem recuou? A Argentina ou o FMI? Depende do jornal!

Manchete de primeira página do jornal **Zero Hora**, 10-3-04: "Argentina recua e paga US\$ 3,1 bi". Manchete de primeira página do **Jornal do Brasil**, 10-3-04: "FMI cede à pressão da Argentina". Notícia de primeira página de **O Globo**, 10-3-04: "Argentina e FMI cedem e evitam calote de US\$ 3 bi". Notícia de primeira página do jornal argentino **Página/12**: "Verão, absolutamente não se claudicou". O jornal argentino, no subtítulo, informa que a frase é da senadora e primeira dama Cristina Fernández de Kirchner. O subtítulo ainda informa que "Lula e Lagos telefonaram para felicitar o presidente patagônico. O brasileiro qualificou o acordo como 'extraordinário'".

Repensar o modelo econômico é preciso!

"Deveria ser evidente que a política econômica posta em prática a partir do governo Collor e aprofundada no governo FHC, que "algemou" o Estado, vendeu às pressas o patrimônio público e deixou o país endividado, tem qualquer coisa errada! A "crença" de que, depois da estabilidade monetária, o mercado resolveria nossos problemas já custou caro demais ao país. É tempo de repensá-la". A afirmação é de Antonio Delfim Netto, economista e deputado federal do PP, no artigo "Trágico empobrecimento relativo", publicado na **Folha de S. Paulo**, 10-3-04.

Política e moral segundo Renato Janine Ribeiro

"A política não é a negação da moral. Crimes devem ser punidos. Mas precisamos construir, no Brasil, uma esfera propriamente pública. Isso exige não deixar a política refém de uma moral

elementar, porque óbvia. A corrupção deve ser condenada. Mas não basta não ser ladrão para governar bem. E é justamente porque, numa democracia, os partidos são legítimos que precisamos de mais do que honestidade: necessitamos de escolhas. Nada disso é uma defesa deste governo ou do anterior. É uma defesa da política”, escreve Renato Janine Ribeiro, no artigo “Para defender a política”, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 10-3-04. “Segundo ele, a política “está desprestigiada. Muitos políticos honestos têm responsabilidade nisso, ao não verem a dimensão de nosso repúdio à corrupção. Mas quem perde, quando a dimensão política é exaurida, não são os políticos, é a sociedade”.

Urgência de um sistema de controle popular

“O que está em causa é saber se somos ou não capazes de criar um sistema de controle popular do funcionamento dos órgãos estatais, não só para que o povo responsabilize diretamente os autores de abusos de poder e de políticas públicas desastrosas, mas também para que ele próprio, sem a intermediação dos agentes políticos, decida sobre as grandes questões que dizem respeito ao interesse nacional. É um escárnio verificar que o futuro das próximas gerações de brasileiros depende, atualmente, das mesquinhas decisões tomadas pelos burocratas do Banco Central ou da Secretaria do Tesouro Nacional. É um escândalo reconhecer que a garantia do desenvolvimento nacional, declarada na Constituição como objetivo fundamental da República, vem sendo afastada, há mais de uma década, pela aplicação de receitas econômicas elaboradas pelos teóricos do capitalismo internacional”, afirma o jurista Fábio Konder Comparato no artigo “O que está em causa” publicado na **Folha de S. Paulo**, 10-3-04. O **IHU On-Line** da semana passada, n.º 91, repercutiu a proposta de Fábio Konder Comparato, propondo um contrapoder popular.

Como os EUA forjaram a estabilidade do real para ajudar os investidores estrangeiros e FHC

A revista **Carta Capital** da semana passada, que circula com data de 10 de março, dedica nove páginas ao trabalho do jornalista Greg Palast, cujo livro *A melhor democracia que o dinheiro pode comprar* será lançado no Brasil pela editora W11, neste mês. Conhecido, polêmico e amaldiçoado jornalista investigativo, Greg Palast mostra (e prova) como se entrelaçam os interesses da política norte-americana, das grandes empresas e corporações e do FMI. Em um capítulo especial, incluído na edição brasileira, ele conta como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, apoiado por uma imprensa majoritariamente ‘de direita’ foi beneficiado pelos interesses políticos e financeiros norte-americanos, que forjaram a estabilidade do real enquanto responsabilizavam os funcionários públicos, aposentados e sindicatos pela situação da economia brasileira. A seguir, transcrevemos alguns trechos do capítulo, denominado *O dia em que Robert Rubin, secretário do Tesouro americano, conquistou o Brasil*, publicado antecipadamente pela revista.

Robert Rubin, o norte-americano que mandava no Brasil

“Em outubro de 1998, o presidente nominal do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, foi reeleito para o cargo por um único motivo: tinha estabilizado o valor da moeda brasileira e, portanto, contido a inflação. Na verdade, não tinha. O real brasileiro estava ridiculamente supervalorizado. (...) Quinze dias depois da posse, o real despencou e morreu. A taxa de aprovação de Cardoso, que se revelou um incompetente e uma farsa, caiu para 23% do eleitorado. (...) Não restava muito da presidência de Cardoso além do título. Todas as políticas importantes, do orçamento ao emprego, são ditadas pelo Fundo Monetário Internacional e seu órgão irmão, o Banco Mundial. E por trás deles, dando as cartas, estava o secretário do

Tesouro, Rubin [Robert Rubin, secretário do Tesouro dos EUA], que governou de fato como presidente do Brasil (...).”

Garantindo o lucro dos bancos

“Pois foi o secretário do Tesouro quem, junto com o FMI, manteve a moeda brasileira em alta. Rubin tem bons motivos para manter a dúbia moeda brasileira, além de ajudar FHC. Sabendo muito bem que a moeda seria destroçada depois da eleição, o Tesouro dos Estados Unidos garantiu que os bancos americanos conseguissem tirar o dinheiro do país em condições favoráveis. Entre julho de 1998 e a posse, em janeiro do ano seguinte, as reservas em dólar do Brasil caíram de US\$ 70 bilhões para US\$ 26 bilhões, um sinal de que os banqueiros pegaram o seu dinheiro e fugiram, mas a moeda permaneceu em alta antes da eleição, porque os Estados Unidos deixaram clara sua intenção de substituir as reservas perdidas por um pacote de empréstimos do FMI. (...) Um mês após a reeleição de Cardoso, o FMI ofereceu ao Brasil um crédito no total de US\$ 14 bilhões. O Brasil não ficou com nada disso, é claro. Qualquer parcela que tenha realmente pingado no país embarcou no primeiro avião com os investidores e especuladores que o abandonaram.”

Washington queria a reeleição de FHC

“Agora, os brasileiros têm de pagar a dívida. (...) Como parte da magia negra para manter a taxa de câmbio antes da eleição, Washington pressionou o FMI para elevar a taxa de juro básica para 39%. (...) Nas ruas de São Paulo, isso se traduziu em taxas de juro de até 200% sobre empréstimos privados e crédito a empresas. A confirmação do esquema de Rubin para salvar tanto FHC quanto os bancos americanos vem de uma fonte das mais interessantes: Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard. (...) Sachs, que continua entre o falante grupo de atores no círculo das finanças internacionais, disse-me: ‘Você podia ver a economia [brasileira] caindo no precipício. (...) Mas em vez de evitar a queda pela desvalorização controlada, Washington e o FMI incentivaram vigorosamente taxas de juro acima de 50%. (...) Washington queria a reeleição de FHC’, dando seis meses aos financistas americanos para vender os títulos e moeda do Brasil em condições favoráveis.”

Prêmio final: privatizar as empresas públicas lucrativas

“FHC sabe que não adianta culpar as manipulações de Rubin pelos problemas do Brasil. Em vez disso, com a ajuda de uma imprensa de direita, ele e o FMI atribuem o colapso econômico a vilões conhecidos: funcionários públicos, aposentados e sindicatos. São acusados de estourar o orçamento do governo. (...) No entanto, o economista-chefe do Banco Mundial aplaudiu as ‘boas condições dos fundamentos econômicos do Brasil’. A pergunta é: boas para quem? (...) A crise tem suas utilidades. Somente em caso de pânico econômico, Rubin e o FMI podem soltar os Quatro Cavaleiros da Reforma: eliminar os gastos sociais, cortar a folha de pagamentos do governo, quebrar os sindicatos e o verdadeiro prêmio, privatizar as empresas públicas lucrativas.”

Teólogos de todo o mundo recordaram Karl Rahner

Cem anos depois de seu nascimento e vinte depois de sua morte, teólogos de todo o mundo recordaram em Roma Karl Rahner, considerado um dos teólogos mais influentes do século XX, conforme informou o sítio www.zenit.org, uma agência internacional católica de notícias. A homenagem ocorreu entre os dias 5 e 6 de março. Segundo explicaram os organizadores do evento, a Universidade Pontifícia de Latrão quis, com um congresso internacional, “reler o

pensamento de Karl Rahner”. Não só para celebrar o teólogo, mas também fazer uma “leitura crítica de sua teologia para determinar a atualidade de seu pensamento”.

Um discurso que tem relação com a vida

Entre os participantes, se encontrava o Cardeal Crescenzo Sepe, prefeito da Congregação vaticana para a Evangelização dos Povos, e o arcebispo Angelo Amato, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé. O professor Kart-Heinz Neufeld, da Universidade de Innsbruck, no contexto do congresso explicou à agência de notícias **Zenit** que uma das grandes contribuições de Rahner é que para o teólogo alemão a teologia serve à vida. “O discurso de Rahner tem relação com a vida, é um serviço e uma ajuda à massa que perde a relação com a Igreja porque não vê que tem a ver esta com a vida”, assinalou. “Nele vemos como a teologia dogmática e a espiritualidade estão ligadas”. A memória de Karl Rahner será celebrada pelo Instituto Humanitas Unisinos no próximo mês de maio, dias 24 a 27, ao promover o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI. O **IHU On-Line**, n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo intitulado *A Teologia de Karl Rahner*, de Rosino Gibellini. No evento Abrindo o Livro, de 28 de abril, será apresentado O Curso Fundamental da Fé, uma das obras principais de Karl Rahner. A apresentação será feita pelo prof. Dr. Érico Hammes – PUCRS.

Crescimento exige juros altos, diz Meirelles

“O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, defendeu dia 10 de março a política de juros altos para controle da inflação, ‘precondição para o crescimento’, num sinal de que o Comitê de Política Monetária da instituição deverá manter a taxa básica (Selic) em 16,5% ao ano em reunião que acontece na semana que vem. Em palestra promovida pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos em Nova York, Meirelles afirmou que o Brasil pode atingir a meta de 3,5% de crescimento econômico este ano com os juros nos níveis atuais. (...). Segundo Meirelles, o governo considera ‘a estabilidade de preços uma precondição para o crescimento’ (...) Para o presidente do BC, a prova de que o atual patamar de juros e a expansão do Produto Interno Bruto caminham juntos é o crescimento da produção industrial, que avançou 0,8% em janeiro frente a dezembro, como informou ontem o IBGE.” (**Folha de S. Paulo**, 11/03/04)

Um crescimento que ninguém notou

“Ninguém notou, mas o Brasil está crescendo vigorosamente. No final de 2003, o ritmo de expansão da economia brasileira era ‘um dos maiores do mundo’, garante o presidente do Banco Central. Bem. É muito estranho que até agora ninguém tivesse percebido crescimento tão vigoroso. Milhares de economistas, estatísticos e jornalistas acompanham diariamente os indicadores econômicos, mas foi preciso que o presidente do Banco Central revelasse a surpreendente verdade.” (Paulo Nogueira Batista Jr, **Folha de S. Paulo**, 11/03/04)

A prudência já se tornou um defeito

“O Brasil está exportando muito bem, porque não está crescendo. Em vários segmentos, não temos produção suficiente para atender às demandas externa e interna ao mesmo tempo. E não tenho visto muita discussão sobre essa questão. (...) Não me lembro de termos tantos fatores positivos combinados: a inflação caiu, o superávit comercial é recorde, a economia mundial está em expansão, bem como a corrente de comércio. Um pouco mais de imaginação e audácia lançariam o Brasil no caminho do crescimento. A prudência, que seria uma virtude,

levada ao extremo, está se tornando um defeito.” (Rubens Ricupero, secretário-geral da agência da ONU para comércio e desenvolvimento – Unctad. **O Globo**, 11/03/04)

Uma realidade patética

“As considerações suscitadas, quando Fernando Henrique Cardoso pôs a Embratel à venda, estão reavivadas: a partir de amanhã, a multinacional MCI, dos Estados Unidos, estará recebendo propostas para a segunda venda da Embratel. (...) Embora não detenha mais o monopólio das telecomunicações à distância, dadas as outras operadoras de telefonemas interurbanos e internacionais, a Embratel detém numerosos outros serviços e, entre eles, um que reflete bem a sua peculiaridade como empresa: as comunicações militares brasileiras se fazem por canais da Embratel, aí incluídos serviços de segurança de vôos civis. O governo Fernando Henrique não deu importância, no processo de privatização, aos aspectos estratégicos e de segurança nacional envolvidos nas telecomunicações. Daí resultou esta realidade patética: as comunicações militares brasileiras são feitas por uma empresa estrangeira, idem para as comunicações diplomáticas. A soberania fica comprometida já a partir dos que têm a finalidade primordial de resguardá-la. O governo Lula não deu sinal de ter, sobre a nova transação com a Embratel, uma posição ou, pelo menos, uma opinião.” (Janio de Freitas, **Folha de S. Paulo**, 11/03/04)

Cresce o desemprego, a renda cai e os ricos ganham mais, alerta o jornal Brasil de Fato

“Quando virão as mudanças?”, indaga em editorial o jornal **Brasil de Fato** (edição número 53, de 4 a 10 de março de 2004), semanário ligado aos movimentos sociais. Eis alguns dos principais trechos: “Nas últimas semanas – diz o editorial foram revelados novos fatos políticos e dados econômicos. Talvez a notícia mais importante tenha sido a de que o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu apenas 0,2%, índice que, diante do crescimento demográfico do País, de 1,8%, representa uma queda na renda per capita dos brasileiros.” “É o atestado de que a política econômica aplicada nesses 15 meses do governo Lula não condiz com a propaganda, de geração de estabilidade com crescimento. Esse dado soma-se a outros indicadores econômicos já conhecidos. A produção industrial não cresce; mantém-se nos mesmos níveis de 1999. O desemprego continua crescendo. A renda do trabalhador que ainda tem emprego, caiu 15%. E o consumo interno de bens de consumo de massa despencou em relação a 2002.”

Banqueiros e fazendeiros estão exultantes

Também segundo o mesmo jornal, “os lucros do sistema bancário nunca foram tão altos. As 73 empresas brasileiras (uma minoria) que atuam na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) tiveram um aumento médio de seu lucro líquido, comparado a 2002, de nada menos que 700%. O governo pagou mais de R\$ 60 bilhões de juros da dívida interna pública (federal) aos bancos e, mesmo assim, a dívida total passou de R\$ 630 bilhões para R\$ 730 bilhões.” “Os fazendeiros do agronegócio estão exultantes com suas exportações. Pudera! Nunca ganharam tanto dinheiro, porque o dólar está nas alturas e porque o governo federal não tem coragem de revogar a Lei Kandir, que isenta os 17% de ICMS sobre exportações agrícolas. Ou seja, todo o povo está subsidiando as exportações agrícolas.”

Avisem o Lula que ele já cumpriu 32% do mandato

Brasil de Fato concluiu seu editorial observando que “alguém precisa avisar ao presidente Lula que ele já cumpriu 32% de seu mandato e dizer que a continuidade dessa política só agrava os problemas do povo brasileiro”. Antes disso, lembra que o ministro Antonio Palocci, da Fazenda, “parece não ser mais tão unânime”, ressaltando as “duras críticas” feitas pela Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ao modelo econômico no lançamento da Campanha da Fraternidade e “um artigo do insuspeito e até aqui satisfeito Delfim Neto. Ele revelou, na revista Carta Capital, estudos que comprovam que, pela estrutura da economia brasileira, a cada 1% de crescimento do PIB, o emprego cresce apenas 0,3%. Ou seja, se um dia a economia crescesse 10%, mesmo assim o emprego cresceria apenas 3%, um pouco mais que a população. E, finalmente, até a direção do PT lançou nota, pedindo mudanças na política econômica.” O Brasil de Fato foi lançado em 25 de janeiro de 2003, em Porto Alegre, durante o 3.º Fórum Social Mundial, e é conduzido por lideranças como João Pedro Stédile, do MST e Plínio de Arruda Sampaio Jr., professor da Unicamp. Apresenta-se como um jornal que mostra a ‘verdade que precisa ser dita’ e como o resultado de “uma atitude de organizações sociais, jornalistas e intelectuais que pretende resgatar a dívida que a imprensa de esquerda tem com a população.”

O país do dr. Meirelles, segundo Luís Nassif

Na coluna, intitulada “O país do dr. Meirelles”, Luís Nassif narra o seguinte episódio: “Recentemente houve reunião de uma das câmaras econômicas do governo, para avaliar propostas de política industrial. Um dos técnicos incumbidos dos estudos fazia sua apresentação, quando foi interrompido pelo presidente do Banco Central, Henrique Meirelles. Ao seu feitio, de levantar as sobrancelhas e falar com voz impostada, Meirelles indagou, em tom grave: ‘O senhor poderia me informar se existe algum país democrático do mundo que pratique política industrial?’. O técnico ficou meio embaraçado: ‘Sua pergunta é se existe algum país democrático que NÃO pratique política industrial? É isso?’. E Meirelles, enfático, pontuando a pergunta com a sobrancelha: ‘Não, senhor, minha pergunta é se existe algum país democrático que pratique política industrial’. O técnico foi incisivo: ‘Dr. Meirelles, todos os países relevantes do mundo praticam política industrial’. Criou-se um clima de constrangimento com a demonstração de desconhecimento de Meirelles, rapidamente corrigido pelo ministro da Fazenda, Antonio Palocci Filho, com sua bonomia”.

O Brasil é refém do dr. Meirelles

Na mesma coluna, Nassif afirma que “o Brasil é refém do dr. Meirelles (...). É inacreditável a maneira, as circunstâncias que permitem a determinadas pessoas galgar cargos de tal relevância. Como é possível que a falta de informação nacional fosse tamanha que não se avaliassem adequadamente o perfil e a formação de Meirelles, antes de lhe outorgar o papel de avalista do governo perante o mercado? Ontem, Lula repetiu os mesmos argumentos brandidos por ele. A sofisticação de raciocínio é a mesma. Quem tolera que a inflação aumente um ponto tolera dois, quem tolera dois tolera três, e estaremos todos perdidos. Portanto tome juro.” “O país ficou prisioneiro de uma ignorância econômica letal, sustentada por duas ou três imagens acessíveis ao senso comum. Ameaças concretas - como a inviabilização da dívida pública -, a estagnação da economia, o esgarçamento do tecido social e político, dez anos de resultados negativos comprovados, tudo é varrido para baixo do tapete por frases de efeito e sofismas primários. (...) O trágico da história é que Meirelles ocupou esse espaço não por imposição das bases petistas, por compromisso com alianças históricas. Foi um passivo que não veio por herança: veio por exclusão, é verdade, mas pela livre vontade do governo.” (*Folha de S. Paulo*, 12/03/04)

Frases da Semana

Alca é como El Cid

“Hoje a Alca é como El Cid sobre seu cavalo: um cadáver que galopa para tentar fazer crer que ainda vive” – Hugo Chávez, presidente da Venezuela, em entrevista publicada no jornal **Le Figaro** e traduzido pela **Folha de S. Paulo**, 10-3-04.

“A Alca é um instrumento de opressão”. – Oscar Rodriguez Maradiaga, cardeal arcebispo de Tegucigalpa, Honduras – revista italiana **Jesus**, março de 2004.

Taxa de juros

“Essa taxa [de juros] é consistente com o crescimento”. - Henrique Meirelles, presidente do Banco Central, **Folha de S. Paulo**, 11/03/04.

A Economia perdeu o passo

“O sentimento é que a economia perdeu o passo”. - Julio Gomes de Almeida, diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial – IEDI - **Folha de S. Paulo**, 11/03/04.

“O Brasil é refém do dr. Meirelles, da mesma maneira que um dia foi refém de Itamar Franco”. – Luís Nassif, na coluna O País do dr. Meirelles - **Folha de S. Paulo**, 12-3-04.

PT: olhos fechados para os pobres

“O PT está fechando os olhos para as necessidades dos mais pobres”. – Cristovam Buarque, senador – **Folha de S. Paulo**, 14-3-04.

“O PT tinha que elaborar uma lista de metas “aboliconistas” e não apenas assistenciais, como é o caso da extinção do analfabetismo entre os adultos”. – Cristovam Buarque, senador – **Folha de S. Paulo**, 14-3-04.

“O governo tem muitas ações e programas na área social, mas ainda não tem uma política nacional de segurança alimentar”. — Francisco Menezes, economista, diretor do Ibase e integrante do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea) – **O Globo**, 14-03-04.

A terceirização do Estado

“O Parcerias Público-Privadas (PPP) passa aos empresários um poder de decisão que é do Estado e que o povo delegou ao governo. É uma transferência de poder espúria, que acabará dando errado, como as ferrovias no modelo do imperador e no das privatizações de Fernando Henrique Cardoso”. – Ceci Juruá, economista em entrevista a Elio Gaspari – **Folha de S. Paulo**, 14-3-04.

“O PPP é a terceirização do Estado”. - Ceci Juruá, economista em entrevista a Elio Gaspari – **Folha de S. Paulo**, 14-3-04.

Todos nós somos Madri!

“Eta ou Al Qaeda?” – manchete principal da edição extraordinária do jornal italiano **Corriere della Sera**, 11-3-04.

“Mataram os mais humildes, os que iam para o trabalho, como toda manhã, os que vivem nos

bairros mais pobres de Madrid. Por quê? – Rosa Regas, escritora, no jornal **El Mundo**, 12-3-04.

“Aznar, onde está a América? Quem protegerá o teu país, o Japão, a Itália dos nossos ataques?” – nota assinada pelas Brigadas Abu Hafs al-Masri, assumindo o execrável atentado em Madrid – **Corriere della Sera**, 12-3-04.

“Por mais valente que sejas, nesse momento, te tornas uma galinha. Olha minhas mãos, estão pretas. Sendo homem, chorei de medo”. – Aníbal Altamirano Jordan, imigrante equatoriano, 26 anos, vitimado pelo atentado de Madrid – **El País**, 12-3-04.

“Foi terrível. Num círculo de 10 metros não havia nenhum corpo humano completo. Somente restos”. – Ricardo Larraínzar, médico traumatologista, testemunha do atentado de Madrid – **El País**, 12-3-04.

“O terrorismo nihilista tem como objetivo as pessoas que não podem se defender. Eis o horizonte do nosso século XXI”. - André Glucksmann, filósofo francês – **Corriere della Sera**, 4-3-04.

“O nihilista não reconhece nenhum tabu, não tem nenhum respeito pela vida. Mato, ergo existo”. - André Glucksmann, filósofo francês – **Corriere della Sera**, 4-3-04.

O sujeito contemporâneo: órfão e sobrevivente

“O sujeito contemporâneo é um imigrante, um órfão e um sobrevivente: perdeu seu lugar de origem, a proteção da autoridade paterna e a fé tanto na imortalidade de sua alma quanto no progresso infinito da espécie”. - Contardo Calligaris, psicanalista, no artigo *Os Estados Desunidos da mente* – **Folha de S. Paulo**, 11-3-04.

“A subjetividade contemporânea é uma agonia que acarreta seu próprio remédio: a experiência do desamparo é a mola de nossas reinvenções”. - Contardo Calligaris, psicanalista, no artigo *Os Estados Desunidos da mente*. – **Folha de S. Paulo**, 11-3-04.

“(A nossa) é a época sonhada por qualquer terapeuta: nunca houve tanto sofrimento para curar, mas também nunca houve tanta possibilidade de curar, pois nunca houve tanta disponibilidade para mudar”. - Contardo Calligaris, psicanalista, no artigo *Os Estados Desunidos da mente* – **Folha de S. Paulo**, 11-3-04.

“É também uma boa época para pensar, pois é permitido (ou mesmo encorajado) descuidar autoridades e doutrinas para aceitar as incoerências que são impostas pela realidade”. - Contardo Calligaris, psicanalista, no artigo *Os Estados Desunidos da mente* – **Folha de S. Paulo**, 11-3-04.

Fogo amigo

“Pierre Bourdieu não prestava atenção ao que muda”. – Gilles Lipovetsky, filósofo francês, autor de inúmeros livros, sendo o mais recente *Les temps hypermodernes* – **Libération**, 30-1-04.

O que é ser de esquerda?

"É verdade, mãe, que somos de esquerda porque nos colocamos no lugar dos demais?" – pergunta de Laura, 10 anos, filha de José Luis Rodríguez Zapatero, primeiro-ministro eleito no dia 14-3-04 – **Folha de S. Paulo**, 15-3-04.

Governo Lula

"Eu vivi isso. No dia em que o Golbery pediu demissão, o governo Figueiredo acabou. Se o Zé Dirceu for afastado, o governo Lula acaba. Que ninguém se engane, esse tiroteio todo é contra o Lula, o Zé Dirceu é um pára-raios". – Francisco Dornelles, deputado federal, ex-ministro da Fazenda de José Sarney e responsável pela Receita Federal no Governo Figueiredo – **O Globo**, 15-3-04.

"Simon diz que Sarney manda mais no Brasil hoje que quando era o presidente". - manchete de capa do jornal gaúcho **O Sul**, 15-3-04.

"Lula é um bom tático, como todo sindicalista. É preciso ver se também é um bom estrategista". – Nestor Kirchner, presidente da Argentina – **Clarín**, 15-3-04.

Eleições na Espanha

"Espanha: o preço da mentira" – manchete de capa do jornal **Libération**, 15-3-04

"Adeus Aznar! O voto de castigo por manipular matança em Madrid e a invasão do Iraque" – manchete de capa do jornal mexicano **La Jornada**, 15-3-04.

Al-Qaeda e franchising

"A morte ou a prisão de Bin Laden não mudará nada. Pois, ao contrário dos curdos do PKK, dos peruanos do Sendero Luminoso, Al-Qaeda não é uma organização baseada no culto ao chefe. As pessoas não se matam por Bin Laden... Existe na Al-Qaeda uma coisa muito rara: ela deixa a maioria das iniciativas serem decididas pela base". – Olivier Roy, pesquisador do CNRS, especialista dos mundos muçulmanos, autor do livro **L'Islam mondialisé**, publicado em 2002 – **Libération**, 15-3-04.

"Al-Qaeda funciona como uma cadeia de franquias, onde se define o conceito, fornece a marca, e se confia nas iniciativas locais, aos convertidos e aos jovens... O "franqueado" pode conhecer diretamente ou não o patrão". - Olivier Roy, pesquisador do CNRS, especialista dos mundos muçulmanos, autor do livro **L'Islam mondialisé**, publicado em 2002 – **Libération**, 15-3-04.

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

IHU Idéias

VOLUNTARIADO NA UNISINOS

No último dia 11 de março, **IHU Idéias** tratou do tema *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos*, apresentado pela professora MS Rosa Maria Serra Bavaresco, coordenadora da área de concentração Teologia Pública, do Instituto Humanitas Unisinos. A pesquisa apresentada contemplou os passos do voluntariado na Unisinos. Entre os tópicos abordados, causou polêmica, no público presente, a forma como o voluntariado é praticado na Unisinos, inserido nos currículos, como estágio, muitas vezes, obrigatório e o baixo número de voluntários na Universidade. A professora Rosa enfatizou que o voluntariado deve ser visto e praticado não como um trabalho, mas como uma ação, pois a solidariedade deve existir além das disciplinas.

Ecoss do Evento

“A palestra mostrou uma realidade que é universitária, mas que identificamos claramente na empresa onde trabalhamos. Fiquei surpresa como são poucas as pessoas que se dispõem à ação voluntária. Impressionante!”

Maria Isolde Laux, coordenadora do Serviço de Atendimento da Unimed Vale dos Sinos em Novo Hamburgo.

“A professora conseguiu transmitir de forma ampla e profunda o tema do voluntariado, provocando questionamentos sobre os sentidos da ação voluntária e o que se pretende com ela, relacionando-a ao mundo universitário”.

Nestor José Mayer, da Fundação Cultural de Canoas.

EVANGELISCHE STIFT É TEMA DO PRÓXIMO IHU IDÉIAS

No próximo dia 18 de março de 2004, muitas professoras e funcionárias poderão se identificar com o tema intitulado ***Evangelische Stift: uma escola para moças das melhores famílias***. A Prof.^a MS Marlise Regina Meyrer, graduada e Mestre em História pela Unisinos e professora das Faculdades de Taquara será a responsável pela apresentação do tema que é um recorte de sua dissertação de mestrado com o mesmo título.

Confira as próximas edições do IHU Idéias:

25/03/04 – “Processos Midiáticos e construção de ‘novas’ religiosidades” - Prof. Dr. Antônio Fausto Neto – Professor na Unisinos.

01/04/04 – “Paixão: desde a Idade Média até o século XX” – Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznok – Professora na UNESP.

15/04/04 – “A casa das sete mulheres: literatura, história e trivialidade”. - Prof. Dr. Mário Maestri – Professor na UPF.

ABRINDO O LIVRO

O evento ***Abrindo o Livro*** tem sua primeira sessão deste ano agendada para o dia 16 de março, das 19h45min às 22 horas. Na ocasião, a professora Dr.^a Ivete Leocádia Manetzeder Keil, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos, fará a apresentação do livro ***História da loucura***, de Michel Foucault. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 551p, na sala 1G119 do IHU. ***Abrindo o Livro*** é um evento gratuito.

Graduada em Ciências Sociais, Ivete Keil é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coursou o doutorado na Université de Paris V (René Descartes), França, e pós-doutorou-se pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, também da França.

CELEBRAÇÃO DAS ÁGUAS

O Dia Internacional da Água será marcado pela Unisinos com a Celebração das Águas, evento inserido nas atividades da Campanha da Fraternidade 2004 da Universidade. A celebração acontece no dia 22 de março, a partir das 18h, no Barco do Rio dos Sinos. Quem promove é o Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo – Gdirec, do IHU.

Representantes e seguidores de diferentes religiões e orientações religiosas estarão presentes para celebrar e comprometer-se na busca de caminhos de vida para todos. Na programação haverá música, lava-pés, oração, leitura bíblica e reflexão sobre o tema da Campanha da Fraternidade 2004: *Água como fonte de vida*.

IHU REPÓRTER



Urbano Scheid

Natural de Lajeado, no Vale do Taquari, o professor Urbano Scheid é o mais novo de 10 irmãos. As lembranças de uma família tão numerosa são fortes e marcaram sua visão de mundo. Atualmente, o coordenador do Curso de Filosofia da Unisinos, preocupa-se em estar permanentemente atualizado nas leituras e conseguir ter uma visão de mundo sem determinismos. Esforça-se diariamente por crescer na capacidade de diálogo com os alunos e acredita que, nessa aprendizagem, está o segredo para uma sociedade mais tolerante, mais humana.

Origens- Meu pai veio da Alemanha com dez anos. Em casa, só falávamos alemão. Ele era professor de escola rural, substituíu o vigário, era líder da comunidade, trabalhou na Caixa Rural, uma espécie de cooperativa de crédito, foi vereador, regente de coral, fazia de tudo. Minha mãe era dona de casa e cuidava da educação dos sete homens e das três mulheres. Guardo imagens de uma família muito unida. Tínhamos uma propriedade de 4 hectares, perto da cidade. Todos trabalhávamos em tudo, tanto dentro de casa quanto no campo. Tive a experiência de auto-sustentabilidade na própria casa.

Trajetória- Aos 12 anos, fui para o Seminário dos jesuítas, em Salvador do Sul. Estudei Letras Clássicas, Filosofia e Teologia. Na década de 1960, acompanhamos o Concílio Vaticano II com entusiasmo. Respirava-se um clima de abertura, libertação, um vento novo. Aprendemos a ser muito críticos. A Companhia de Jesus sempre se caracterizou por isso, e a filosofia e a psicanálise, que fazíamos na época, reforçou esse espírito. Relacionávamo-nos com luteranos, o que, naquela época, era impensável. Um ano antes da ordenação saí da Companhia. Era uma época de muita abertura. Conversávamos muito com nossos formadores. Se não tinha certeza, não se ordenava padre. Fiquei morando em São Leopoldo com um grupo de colegas. Dez anos depois casei com Conceição, que é professora. Não temos filhos.

Professor- Fui professor do Colégio Pedro Schneider e, em 1970, entrei na Unisinos. Acompanhei toda a construção da Universidade.

Autor- Sigmund Freud, Karl Marx, Werner Heisenberg, Karl Rahner

Livro- *A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*, de Werner Heisenberger e ***Martin Buber: cumplicidade e diálogo***, de Newton Aquiles Von Zeiben.

Filme- *O mágico de Oz*, de Billy Bond e ***A noviça rebelde***, de Robert Wise.

Nas horas livres- Passeio, viajo, gosto muito de ir para a serra, leio.

Um presente- Livro.

Momentos felizes- Quando ouço um aluno dizer: "O senhor me entende. Além de professor, o senhor é amigo".

Um grande sonho- Acabar com a fome e a guerra. Eliminar os radicalismos e dogmatismos. Fomentar um diálogo autêntico entre os seres humanos.

Unisinos- A Unisinos me deu uma realização profissional. Claro que, em mais de 30 anos, vivi muitos altos e baixos. Toda a instituição passa por esses momentos. Mas tem sido uma experiência muito desafiadora e gratificante. Como instituição de ensino, procura seguir os ideais inicianos.

IHU- Deveria ser o centro da Universidade. Ajudaria mais os professores a ter uma visão holística, a provocar a todos os membros da instituição, a produzir nas pessoas uma mudança que brote de dentro para fora. O IHU mostra uma forma de trabalho interdisciplinar e intercultural, com a marca do humanismo social cristão, mas também com um forte diálogo inter-religioso.

Cartas do Leitor

Li o ***IHU On-Line*** sobre as mulheres! M A R A V I L H O S O!!!!!! Reenviei o boletim para várias amigas e amigos".

Darlin Sampaio
Curitiba -PR

Queridos irmãos e irmãs,

O Boletim ***IHU On-Line*** n.º 91 sobre as Mulheres na defesa do tempo, da vida e da felicidade está excelente, sobretudo as entrevistas!! Valeu!! As mulheres agradecem!!

Em nome delas,
Ir. Beatriz Paixão
São Paulo – SP

Olá, amigos!

Aqui é o Pastor Lucas André Albrecht, Capelão da Pastoral da ULBRA Canoas, em nome também do Pastor Capelão Geral, Rev.Gerhard Grasel, e do Pastor Capelão de Música, Rev.Paulo Brum. Com muita alegria chegou às nossas mãos os estudos do IHU a respeito do Mapa religioso de Canoas e do Imaginário do Estudante da Unisinos. Este material foi encaminhado também para o Curso de Teologia. Muito relevantes e oportunos os dados e

conclusões do Instituto Humanitas, os quais nos serão muito úteis também aqui no trabalho da Pastoral da ULBRA. Mais uma vez, obrigado e que Deus continue abençoando o Trabalho do IHU. Em Cristo,
Pastor Lucas André Albrecht

Enquete no sítio do IHU

O sítio do Instituto Humanitas Unisinos (www.ihu.unisinos.br), além de atualizar diariamente informações sobre assuntos do interesse da sociedade e da academia, semanalmente faz uma enquete. Trata-se de um espaço interativo no qual é colocado um assunto que tenha a ver com os fatos da semana ou os temas debatidos no boletim **IHU On-Line**. Acompanhe os resultados da última enquete e dê sua opinião no debate da próxima semana.

"Ivone Gebara, uma das teólogas entrevistadas na edição do **IHU On-Line** desta semana, critica a utilização da figura masculina como imagem de Deus e sugere que a teologia dê mais atenção à questão feminista. Na sua opinião:"

A utilização da figura masculina como imagem de Deus não interfere na prática religiosa - 49.18%

As questões de gênero não dizem respeito à religião - 3.278%

A religião deveria dar mais atenção à visão feminista do mundo - 47.54%

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br. Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS